

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Lila Fátima Karpinski

**BAIRRO DA Balsa e Educação Ambiental: Conflitos
Socioambientais e Controvérsias em torno da Criação do
Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas – RS**

Rio Grande,
MAIO, 2012

LILA FÁTIMA KARPINSKI

**BAIRRO DA Balsa e Educação Ambiental: Conflitos
Socioambientais e Controvérsias em torno da Criação do
Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas – RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

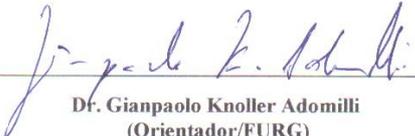
Orientador: Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli.

Rio Grande,
MAIO, 2012.

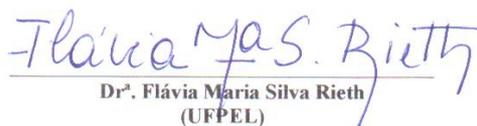
LILA FÁTIMA KARPINSKI

**BAIRRO DA Balsa e Educação Ambiental:
CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E CONTROVÉRSIAS EM
TORNO DA CRIAÇÃO DO CAMPUS PORTO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - RS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:


Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli
(Orientador/FURG)


Dr. Carlos Roberto da Silva Machado
(PPGEA/FURG)


Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth
(UFPEL)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a oportunidade de apreender novos saberes, de conhecer novas pessoas e pela oportunidade do exercício da paciência e discernimento.

Agradeço aos meus amados familiares pelo amor, carinho e compreensão em todos os momentos de minha caminhada.

A Aline pelo incentivo e liberdade na busca de novos horizontes e pelo espaço necessário para construir este trabalho.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos melhores momentos vividos, mas que também me deram forças nos momentos difíceis e de solidão.

Ao meu orientador Gian, pelo apoio e dedicação, mas principalmente por me acolher e por ter acreditado nesse trabalho.

RESUMO

Este estudo trata das percepções da vida social dos moradores do Bairro da Balsa no município de Pelotas/RS no Estado do Rio Grande do Sul, a partir do momento em que a Universidade Federal de Pelotas instala seu novo Campus no território do Bairro. Compreender como os moradores percebem seu lugar, seus conflitos socioambientais, suas condições de vida, sua territorialidade e seu entendimento sobre educação ambiental, são problemáticas abordadas nesta pesquisa. Se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, que utiliza como método de coleta de dados saídas de campo e entrevistas abertas com os moradores. A imersão na territorialidade do Bairro demonstrou que os moradores se identificam e gostam de viver no seu lugar. Também entendem que a instalação da Universidade trouxe boas expectativas, porém destacam grandes preocupações com relação às questões de educação ambiental e a reestruturação urbana. Essa experiência etnográfica permitiu encontrar, nas narrativas dos moradores, respostas para as indagações propostas, identificando e evidenciando as percepções que os sujeitos têm do seu lugar vivido.

Palavras-chave: Percepção. Territorialidade. Educação Ambiental. Conflito.

ABSTRACT

This study deals with the ways residents of Vila da Balsa, district of the city of Pelotas in Rio Grande do Sul state, perceive their social life after the installation of Universidade Federal de Pelotas campus in the district territory. The problematic of this research is about understanding how residents perceive their place, their social and environmental conflicts, their living conditions, their territoriality and their understanding of environmental education. This is a qualitative ethnographic work which uses field research and open interviews as data collecting methods. The immersion into the region territoriality demonstrated that residents identify themselves with the place and enjoy living there. They understand that the university installation has generated good expectations but also point out their concerns about environmental education and urban restructuring matters. The ethnographic experience allowed to formulate some answers to the problem proposed based on residents narratives, identifying and pointing out the subjects' perception of their living place.

Keywords: Perception. Territoriality. Environmental Education. Conflict.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa de localização atual do município de Pelotas.	18
Figura 2 – Imagem da Zona Portuária de Pelotas.	19
Figura 3 – Imagem do Campus UFPel e do Bairro da Balsa.	19
Figura 4 – Em destaque as ruas que marcaram a territorialidade pesquisada.	20
Figura 5 – Reni Oliveira de Brito.	22
Figura 6 – João Paulo e a Pesquisadora.	23
Figura 7 – José Francisco Gomes.	25
Figura 8 – Lúcio dos Santos Miranda e a Pesquisadora.	27
Figura 9 – Treiller e o Comedouro.	28
Figura 10 – Folder do Treiller.	29
Figura 11 – Bairro da Balsa.	31
Figura 12 – Bairro da Balsa.	31
Figura 13 – Trapiche do Bairro da Balsa.	32
Figura 14 – Frigorífico Anglo.	37
Figura 15 – Imagem do Diário Popular de Dezembro de 1934.	39
Figura 16 – Treiller nas mangueiras de concreto.	41
Figura 17 – Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas.	42
Figura 18 – Prédio antigo da prefeitura.	51
Figura 19 – Esgoto do Canal do Pepino.	56
Figura 20 – Fox do esgoto em direção ao Canal São Gonçalo.	56
Figura 21 – Matéria veiculada pelo jornal Diário Popular, Pelotas, 28 de Novembro de 2009.	60
Figura 22 – Entulhos de construção.	61
Figura 23 – Lixo.	61
Figura 24 – Muro que divide os territórios e a rua de acesso ao Bairro. Foto tirada a partir da Balsa.	63
Figura 25 – Pracinha ao lado do trapiche.	65
Figura 26 – Fluxograma.	77
Figura 27 – Mapa Interativo.	78
Figura 28 – Mapa da área pesquisada.	79
Figura 29 – Aspectos Positivos da área G3.	80

Figura 30 – Aspectos Negativos da área G3.	81
Figura 31 – Mapa da área pesquisada.	82
Figura 32 – Aspectos Positivos da área G4.	83
Figura 33 – Aspectos Negativos da área G4.	84
Mapa Cartográfico definido a partir das narrativas dos Moradores do Bairro da Balsa	54

Lista de Quadro

Quadro 1 – Aspectos Positivos e Negativos do DRUP.

72

Lista de Siglas

RS – Rio Grande do Sul

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

FSB – Fundação Simon Bolívar

FMI – Fundo Monetário Internacional

MEC – Ministério da Educação

PROASA – Programa de Assistência à Saúde do Servidor e do Aluno

FAU – Fundação de Apoio Universitário

DEPREC – Departamento Estadual de Portos Rios e Canais

PLHIS – Plano Local de Habitação de Interesse Social de Pelotas

SOCIOTICS – Tecnologia de Informação e Comunicação no apoio de Tecnologias Sociais

NAUrb – Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo

FAUrb – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

GAUP – Geotecnologias para Arquitetura, Urbanismo e Planejamento

GPS – Global Positioning Systems

SIG – Sistema de Informação Geográfica

ONG – Organização não Governamental

SUMÁRIO

Introdução	13
1. O Lugar e as Pessoas	18
1.1. Localização do Bairro da Balsa	18
1.2. Os Moradores	20
1.3. A História do Lugar: um Bairro Operário ou “Largado”	31
1.4. O Frigorífico Anglo	37
1.5. Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas	42
2. Etnografando o Bairro da Balsa e suas Territorialidades	47
Mapa Cartográfico definido a partir das narrativas dos Moradores do Bairro da Balsa	54
3. Conflitos Socioambientais e Controvérsias no Bairro da Balsa	55
3.1. Revitalização: controvérsias	68
3.2. Cartografia Social	72
4. Considerações finais	86
Referências Bibliográficas	90

BAIRRO DA Balsa e Educação Ambiental: Conflitos Socioambientais e Controvérsias em torno da Criação do Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas – RS

“Se esse mundo fosse habitado por verdadeiros seres pensantes, seria impossível haver essa tolerância ilimitada em relação aos ruídos de toda espécie, inclusive os mais horríveis e despropositados. De fato, se a natureza tivesse destinado o homem a pensar, ela não lhe daria ouvidos, ou pelo menos os proveria de tampões herméticos, como é o caso dos morcegos, que invejo por isso. Mas, na verdade, o homem é um pobre animal assim como os outros, cujas forças são apenas suficientes para conservar sua existência. Por isso precisa de ouvidos sempre abertos que lhe anunciem a aproximação do perseguidor seja de noite ou de dia.”

Arthur Schopenhauer.

INTRODUÇÃO

A temática dessa dissertação envolvendo o Bairro da Balsa, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul e a instalação do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas, permitiu lembrar um bairro há muito esquecido pelo poder público local, mas que já teve seus momentos de valorização. Trata-se de um bairro operário, que foi crucial para o desenvolvimento da cidade de Pelotas, que hoje se encontra abandonado pelo poder público, apresentando problemas socioambientais que interferem nas condições de vida dos seus moradores.

Este estudo teve origem durante a disciplina de Metodologia, do curso de Pós Graduação em Educação Ambiental, ministrada pela professora Virginia Maria Machado, ao me questionar sobre a realidade vivida no município onde moro, Pelotas/RS. Relembrando o meu trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Geografia¹, apontei algumas fragilidades socioambientais e nesse momento, ela questionou-me, se esse tema não deveria ser meu objeto de estudo. Após refletir por alguns dias, decidi que meu objeto de estudo seria os conflitos socioambientais vivenciados no Bairro da Balsa, com a instalação do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas, localizado ao lado, no antigo território do Frigorífico Anglo.

Focada nesta temática e sempre apaixonada pela natureza, sua beleza, sua força e mistério, procurei conhecer e entender um pouco seus movimentos e sua importância para a vida. No ambiente que permite a vida, entendi que, enquanto *homo*, exercemos uma relação de troca e dependência com essa natureza, uma vez que necessitamos de sua energia para nos mantermos vivos, entretanto podemos tocá-la e modificá-la. Porém, precisamos estar atentos, uma vez que somos uma espécie pertencente ao Planeta Terra,

¹Monografia de conclusão do curso em Licenciatura em Geografia – Aspectos Históricos e Geográficos do Arroio Santa Bárbara nos últimos 228 anos. – Orientador: Edinei Koester – Universidade Federal de Pelotas, 2008.

para não nos colocarmos na posição de superioridade e de dominadores da natureza, pois ela é um organismo vivo do qual fazemos parte e, por isso, possui suas próprias ações e reações.

Como lembra-nos Brandão,

“não somos senhores do mundo e o que existe à nossa volta é parte de nós mesmos. Somos partilha do fluxo da vida e, queiramos ou não, ela nos impõe as suas regras, os seus preceitos.” (Brandão, 1994, p.40)

Por isso, devemos estar atentos, pois o ser humano não é exterior à Terra e não existe um adaptar-se, o que existem são formas de integração do homem ao meio ambiente. Com base nessa relação, procuro pensar o planeta como um ser vivo, com seu espaço-tempo e que nós estamos nele somente como meros passageiros, dentro do nosso próprio espaço-tempo. E que nós, através da dimensão ética e espiritual, devemos refletir sobre nossa relação com o Planeta Terra e os demais seres aqui existentes.

Romper com a divisão entre homem/cultura e natureza é um passo importante para se conquistar o sentido da reciprocidade entre a natureza do homem e o mundo da natureza (Brandão, 1994). Não somente essa dicotomia precisa ser rompida, como também há a necessidade de um equilíbrio entre o ambiente social e mental da espécie *homo*, que precisa ser assistido e sustentado.

Nesse sentido, Guattari (1990) nos fala da ecosofia, ou seja, o equilíbrio que deve existir entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, numa perspectiva de ressignificação das relações sociais, culturais, políticas e econômicas. É preciso repensar o nosso modo de vida a partir de um olhar ecosófico.

Para isso, a educação ambiental, como proposta prática, assume o papel de cuidador. A educação ambiental vem propagar o cuidado de si e do ambiente, buscando um equilíbrio consigo mesmo e com o ambiente. Conforme Marcos Reigota (2006), a Educação Ambiental é uma forma de buscar novas maneiras de pensar e agir, individualmente e coletivamente, frente aos modelos de produção de bens e suprimentos que garantem a sobrevivência da vida humana. Esse novo pensar significa alterar ou reavaliar

os valores que permeiam os caminhos da produção capitalista e nisso, a educação tem um importante papel de sensibilização.

Carregada deste pensamento, voltei meu olhar para o Bairro da Balsa, uma vez que se trata de um bairro no qual está perceptível essa falta de cuidado com o ambiente. Ali estão as mazelas da administração pública, a falta de projetos de higienização, energia, urbanização, saneamento básico, transporte, educação, saúde, cultura e a degradação da natureza. O que se vê são as consequências do descuido socioeconômico e socioambiental da modernidade. Contudo, existem grupos organizados, associações de bairro e liderança comunitária que buscam valorizar seu território, querem o direito de ter, no seu lugar, uma infraestrutura concreta de urbanidade.

Esses problemas da modernidade, vividos pelo Bairro, podem ser modificados, ou pelo menos surgiu uma oportunidade para tanto, principalmente quando da compra do antigo Frigorífico Anglo, pela Fundação Simon Bolívar, que cedeu alguns prédios para a construção Campus Porto pela Universidade Federal de Pelotas. Com esse fato, os moradores sentem que poderão ter um aliado na busca por melhores condições de vida.

Percebendo esse novo momento daquela região, busquei compreender como os moradores do Bairro da Balsa percebem seu bairro nesse contexto. Assim, algumas questões foram colocadas como ponto de partida para esta investigação: a instalação da universidade possibilitará ou não mudanças na estrutura e no modo de vida desses moradores? Os conflitos socioambientais serão abrandados/solucionados ou serão intensificados/explicitados? Quais são os interesses e expectativas que estão em jogo entre os moradores do bairro, a prefeitura e a reitoria?

Além disso, a minha curiosidade² pela construção histórico/geográfica do município de Pelotas tornou-se outro fator motivador da investigação, uma vez que já me dediquei a estudos referentes ao crescimento urbano e degradação ambiental, desencadeados pelo avanço do mundo urbano-industrial.

Fazendo uso do método etnográfico, meus primeiros contatos deram-se a partir da observação, como primeira fonte de percepção e diagnóstico dos fenômenos e daquilo que acontece a nossa volta, foi como

²Categoria entendida como "(...) não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo." O tipo de curiosidade que permite pensar sobre o próprio pensamento. (Foucault, 1984, pp. 13).

aconteceu meu primeiro contato com os moradores do Bairro da Balsa.

Partindo das observações de campo, na coleta de informações através da aplicabilidade sistemática das técnicas de pesquisa etnográfica (diário de campo, realização de entrevistas e pesquisa com imagens), mais as reflexões antropológicas e o suporte dos referenciais teóricos, procurei realizar uma leitura da vida social dos habitantes do Bairro da Balsa, com enfoque em sua territorialidade, envolvendo os movimentos de constituição, crescimento, consequências e riscos que envolvem o Bairro da Balsa no município de Pelotas/RS.

Juntamente com o contato direto com os moradores, acompanhando seu cotidiano e trabalhando com suas narrativas sobre o bairro e a questão ambiental, busquei envolver em minha análise outros atores sociais: membros da prefeitura e da UFPel, envolvidos no processo de revitalização do bairro. Embora o foco principal seja sobre os moradores do Bairro da Balsa, entendo que seria necessário envolver esses outros olhares, aproximando-me da proposta sugerida pelo antropólogo Paul Little de realizar uma etnografia multiator, para lidar com as questões relativas a conflitos socioambientais (Little, 2006).

No primeiro capítulo, introduzo o *locus* de pesquisa, apresentando as pessoas e o lugar. Inicialmente convido o leitor a adentrar este universo com um recurso geográfico, a cartografia. Em seguida, apresento alguns moradores do Bairro da Balsa, justamente os principais atores sociais, com os quais foi estabelecido o encontro etnográfico nesta pesquisa. Este capítulo fecha com uma breve história do Bairro, com base nas narrativas dos moradores e na consulta a fontes bibliográficas sobre o tema.

O segundo capítulo é de caráter etnográfico e procura descrever a vida no Bairro, introduzindo a questão da territorialidade dos moradores. Tema que será abordado no terceiro e último capítulo.

No último capítulo, procuro utilizar a noção de cartografia social para juntar essas questões em torno dessa etnografia, que aborda os conflitos e controvérsias socioambientais que envolvem os moradores, a associação do bairro, a universidade com o Programa Vizinhança e a prefeitura. Também desenvolvo o problema de pesquisa, através das narrativas dos moradores do Bairro da Balsa, apresentando uma cartografia social com as percepções dos moradores, com algumas possibilidades de melhoria para seu território.

Assim, procurei reunir todas as informações em um texto, com uma formatação simples e objetiva, mas que apresenta uma cartografia social, que envolve, num primeiro momento, a localização do objeto de estudo e o resgate da história da formação do Bairro da Balsa, do Frigorífico Anglo e do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas, no primeiro capítulo. Na segunda parte, apresento os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa. No quarto e último capítulo, concluo com minhas considerações finais.

1. O LUGAR E AS PESSOAS

1.1. LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO DA Balsa

O município de Pelotas (fig.1) está localizado no Estado do Rio Grande do Sul, na sua porção meridional, a 280 km da capital, Porto Alegre. Encontra-se numa área com altitude média de 7m em relação ao nível do mar, sua posição geográfica está entre os meridianos $31^{\circ} 45' 43''$, de latitude Sul e $52^{\circ} 21' 00''$, de longitude Oeste.

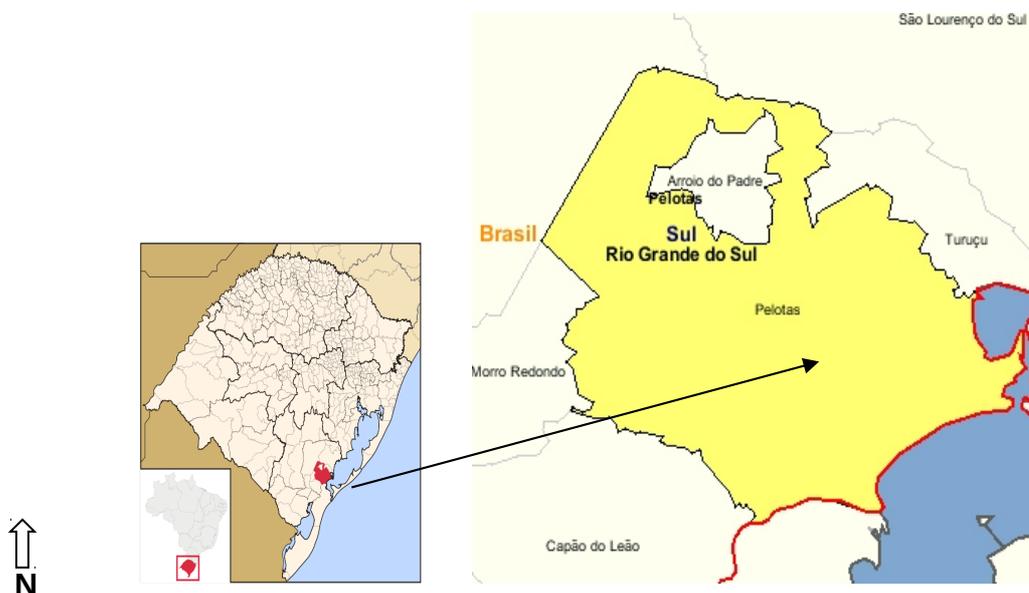


Figura 1 – Mapa de localização atual do município de Pelotas.

Pelotas está situada na encosta do Sudeste, às margens do Canal São Gonçalo, que liga a Laguna dos Patos à Lagoa Mirim, na Planície Costeira. Ocupa uma área de 1.609 km². Seus distritos estão situados na zona alta, Serra dos Tapes, já o centro se formou sobre o terraço e o restante da urbanização constituiu-se na zona baixa, onde predominam as várzeas e áreas

alagadiças da planície costeira.

Na zona portuária do município (fig.2), à margem do Canal São Gonçalo, está localizada a área abordada neste estudo. Mais especificamente (fig.3) a localização do Bairro da Balsa e o Novo Campus Porto, da Universidade Federal de Pelotas.

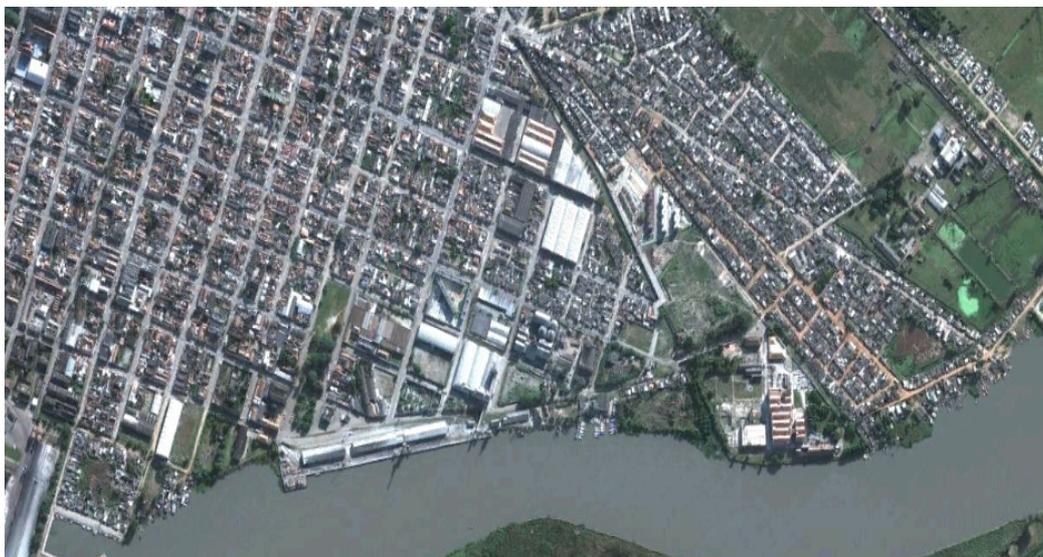


Figura 2 – Imagem da Zona Portuária de Pelotas. Fonte: Imagens pesquisadas no *Google Earth*.

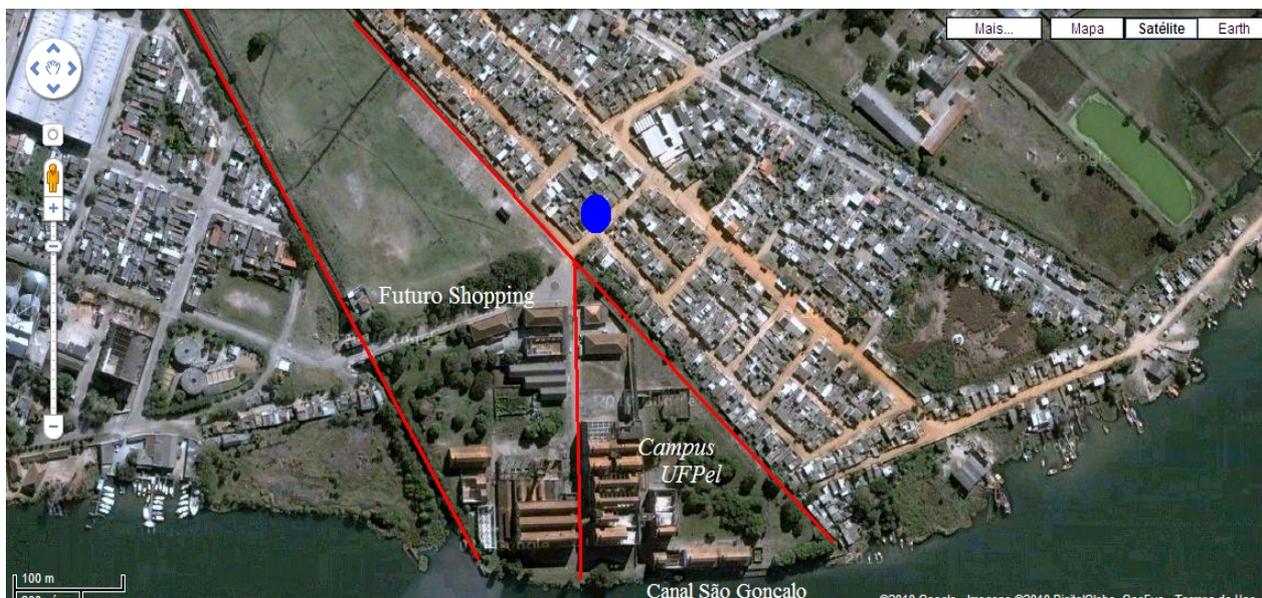


Figura 3 – Imagem do Campus UFPel e do Bairro da Balsa. Fonte: Imagens pesquisadas no *Google Earth*.

Especialmente, a parte do Bairro que analisei foi o conjunto de ruas e vielas entre a Rua Pedro Osório de Brito e Tiradentes e entre a Rua

João Thomaz Munhoz e a Estrada do Engenho em direção ao trapiche, às margens do Canal São Gonçalo, considerando como via principal do Bairro a Rua Paulo Guilayn (fig. 4)



Figura 4 – Em destaque as ruas que marcaram a territorialidade pesquisada. Fonte: Imagens pesquisadas no *Google Earth*.

1.2. Os moradores

No trabalho etnográfico, estabelecer relações com os moradores é de fundamental importância. Esta aproximação aconteceu através de conversas informais e com perguntas direcionadas a respeito do tema da pesquisa. Dessa interação, surgiram os personagens que compartilharam suas histórias de vida nessa pesquisa.

Num primeiro momento, conversei com o Senhor Reni, que me foi indicado pelo meu professor de graduação Alcir Nei Bach, que já o conhecia,

pois também o entrevistou para seu trabalho de mestrado. Ao apresentar-me e informar que estava ali para uma conversa por indicação do professor Alcir, logo sorriu e comentou sobre o tema do trabalho do professor, a seguir convidou-me para entrar e conversar. Com essa cordialidade realizamos vários diálogos e muitas histórias foram narradas.

Foi seu Reni quem me forneceu o nome do João Paulo, presidente da Associação de Moradores e que poderia prestar-me maiores informações e também teria histórias para contar.

Já o contato com seu Leão deu-se de maneira natural e totalmente informal. Eu estava fazendo umas fotos no trapiche quando ele aproximou-se e comentou que se tratava de um belo lugar para fotografar. Concordando com sua opinião começamos a conversar sobre o canal, as barcas que faziam a travessia e de pescaria, já que se tratava de um pescador.

Com o Lúcio, a aproximação aconteceu quando fui tomar um café no seu treiller. Muito comunicativo, comentou que acabara de comprar o treiller e que esperava ter uma boa oportunidade de trabalho, pois soube através de seus pais, moradores do Bairro, que a universidade havia comprado o prédio e que ele poderia retornar de Santa Catarina e tentar construir alguma coisa por aqui. Nesse momento, apresentei meus objetivos em estar ali e perguntei se ele estaria disposto a colaborar. Ele concordou e combinamos novo encontro, que foi marcado por várias narrativas, contadas entre um cafezinho e outro.

A dona Iolanda, uma senhora muito espontânea e gentil, que tive a oportunidade de conhecer em um encontro realizado na Escola do Bairro, durante a apresentação do Programa PLHIS (Plano Local de Habitação de Interesse Social) de Pelotas, mostrou-se aberta ao diálogo. Iolanda fala com preocupação do Bairro e com poucas palavras deixou transparecer sua indignação com a discriminação presente.

Dessas conversas surgiram novas e diversas narrativas de fatos ocorridos na Balsa, conforme depoimento dos sujeitos da pesquisa.

Reni Oliveria de Brito



Figura 5 – Reni Oliveira de Brito. Fonte: Foto da Autora.

Reni, como é conhecido por todos, é morador da Rua Pedro Osório de Brito, que leva o mesmo nome de seu pai. Morador da Balsa há mais de 55 anos, criou um filho e atualmente vive com sua esposa numa casa de madeira, com um pequeno comércio.

Assim como muitos, seu Reni também trabalhou no Frigorífico Anglo, vivenciando o crescimento econômico da fábrica e o aumento das casas e ruas do Bairro. Lembra que, quando era criança, o lugar era vazio, com poucas habitações e algumas travessas. Mas também percebeu a chegada de várias pessoas, que vinham das mais diversas regiões, para trabalhar no frigorífico e nas outras fábricas e que, essas mesmas pessoas, vinham procurar um espaço no Bairro para construírem suas vidas.

Muito simpático e atencioso, convidou-me para entrar no seu pequeno estabelecimento comercial. Ao entrar observei vários troféus e logo perguntei seu significado. Nesse momento seu Reni narra que os troféus foram prêmios conquistados pelo time (Barcelona) da comunidade, durante os campeonatos de futebol que eram disputados no campo que existia no terreno do Anglo, quando seu bar servia de vestiário para os jogadores e juízes, afirmando que momentos como aqueles eram de muita diversão para toda a comunidade.

No estabelecimento do seu Reni, realizei uma viagem ao passado, pois ali observei bebidas cobertas de poeira, marcas de cachaças que me fizeram lembrar o armazém do meu falecido avô, com baleiro, rapadurinhas e balas de goma.

João Paulo Pinho



Figura 6 – João Paulo e a Pesquisadora. Fonte: Foto da Autora.

João Paulo, nascido na Balsa, é um atuante morador na busca por melhores condições de vida da comunidade e de seus moradores. Atualmente, é o Presidente da Associação da Comunidade da Balsa.

João Paulo, que é uma das lideranças dessa comunidade, foi solicitado ao meu convite para uma conversa, propondo-me um passeio pelas ruas da Balsa.

Partimos em direção ao lugar que originou o nome do Bairro, o

trapiche, no qual chegavam e saíam às balsas que realizavam a travessia entre Pelotas e Rio Grande. Durante o percurso João (27/05/2011) narrou alguns momentos e fatos do lugar.

Era um lugar de banhados, sem nada na volta. E foi aqui que meu pai construiu uma pequena casa, com autorização do DAER, sendo considerado um dos primeiros moradores.

Na época do frigorífico se via muito gado chegando. Ali perto do bar do seu Reni ficavam as baias, que eram muito limpas, e dali o gado ia direto pro abate.

No mês de fevereiro, nas comemorações de Navegantes e Iemanjá, esta praça fica cheia, as pessoas fazem suas oferendas aqui na gruta e o São Gonçalo fica iluminado com as luzes dos barcos, é tudo muito lindo.

João considera que o Bairro deveria ser mais valorizado, pois foi um dos mais importantes, sendo um marco para o município, uma vez que era por ali que chegavam mercadorias e produtos para a região, já que era o único ponto de ligação com o porto de Rio Grande.

Como antigo morador, João Paulo, está muito envolvido com o bairro e seus problemas, buscando melhorias e alianças com a prefeitura e agora com a universidade.



Figura 7 – José Francisco Gomes. Fonte: Foto da Autora.

Seu José, ou Leão como é conhecido, um senhor muito simpático e conversador, é pescador e mora há mais de 40 anos no Bairro. Construiu sua residência ao lado do trapiche, na frente da pracinha, onde criou seus filhos e atualmente vive com sua esposa.

Conheci seu Leão após um período de chuvas em Pelotas, pois cheguei à Balsa e fui direto ao trapiche, ver o São Gonçalo que estava cheio, cheio. Ali, parada me deleitando com o movimento das águas, ouvi um “cheio, né!”.

Leão (10/08/2011) contou de sua vida de pescador e do tempo em que havia muitos peixes no canal, que era farta a pescaria e que hoje, com esses barcos pesqueiros, no meio da lagoa e em alto mar, poucos peixes chegam ao canal.

Minha casinha era modesta e pequena, como a de um pescador (risos). Mas com o passar do tempo, fui organizado o terreno, fazendo aterro e hoje tenho essa casa, não muito grande, mas confortável.

Ainda tenho meu barco de pesca, e às vezes saio para uma pescaria, outras para passear com meu netinho.

Sei que moro num lugar de risco, como todos chamam, pois minha casa está na margem do canal, mas sempre respeitei as águas e cuido para não destruir o canal. Minha casa tem fossa séptica e não jogamos nada na água. Penso que antes de quererem nos tirar daqui, deveriam se preocupar mais em fazer saneamento e recolhimento de lixo para que muitos moradores não precisassem jogar seus lixos no canal, ou queimar.

Seu Leão não trabalhou no frigorífico, mas por muitos anos foi funcionário do DEPREC (Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais), realizando a dragagem do canal, que possibilitava a chegada de navios maiores até o porto. Entretanto, comenta que o custo benefício da dragagem para ativar o porto não compensava, pois o São Gonçalo é tão vivo que suas águas carregam grande quantidade de sedimentos, dificultando a manutenção do canal para navegação.

Apesar de ter realizado vários cursos de solda e mecânica e da marinha, seu Leão gosta realmente da pesca e foi com ela que construiu sua vida e sua família.

Lúcio dos Santos Miranda



Figura 8 – Lúcio dos Santos Miranda e a Pesquisadora. Fonte: Foto da Autora.

Nasceu e se criou no bairro. Seus pais vieram para trabalhar no frigorífico e construíram uma casa, como muitos fizeram. Lúcio é uma pessoa confiante no futuro do Bairro com a chegada da universidade, pois acredita que muitas coisas boas poderão surgir.

Conheci Lúcio (25/10/2011) no treiller, próximo ao campus, quando fiz uma parada para tomar um café. Como já havia estado ali, percebi que não se tratava da mesma pessoa que me atendeu e logo perguntei se havia trocado de dono. Prontamente, ele respondeu que havia comprado o treiller Unilanches, há uns 15 dias. Aproveitando a oportunidade começamos a conversar.

Cansado de trabalhar no comércio aqui em Pelotas e depois em Santa Catarina, resolvi voltar e ver as possibilidades de abrir um negócio só meu. Quando cheguei, logo surgiu o treiller, e resolvi comprá-lo, pois com a universidade acreditei que estaria fazendo um bom investimento.

Penso que fiz um bom negócio, pois já consegui fazer melhorias e a faculdade colaborou permitindo a retirada de um pedaço do muro, para que possamos ter mais visibilidade e conseqüentemente mais segurança, pois agora os vigias conseguem ver o treiller e com isso há mais segurança, seja dos alunos, funcionários ou mesmo dos moradores que estão aqui lanchando.

Quando se lembra do Bairro, Lúcio conta que o seu treiller está em cima de uma mangueira de concreto, onde ficava o gado, e que o comedouro ainda está ali (fig.9). Relata que ficava muito feliz quando seus pais retornavam do trabalho e traziam para casa o lanche, pão com bife, que recebiam no frigorífico e não comiam, para dividir entre ele e seu irmão.



Figura 9 – Treiller e o Comedouro. Fonte: Foto da Autora.

Comenta que apesar de o Bairro ter crescido, pouco se fez de infraestrutura, pois sua rua continua igual ao tempo de criança. Tem esperança que isso mude, principalmente com a chegada da universidade. Muito feliz com

seu novo empreendimento, Lúcio é uma pessoa otimista e alegre, demonstrando muita confiança nesse novo momento do lugar.

O comerciante comenta que o nome do seu treiller irá mudar, uma vez que ouviu os alunos que ali frequentam, chamarem o lugar de México. Ele explica que perguntou aos alunos por que identificam o lugar assim. Os estudantes responderam que comparam a situação do treiller, com aquela existente na fronteira entre o México e os Estados Unidos: de um lado está a pobreza, o tráfico de drogas, a poeira e os casebres e que do outro lado está um belo prédio, carros do ano, ruas asfaltadas, policiamento. Pensando no comentário que os alunos fizeram, Lúcio decidiu chamar o treiller de Méxicus Lanches (fig.10)

Cardápio

Lanches

<p>X-Coração (Coração de frango, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Queijo e Presunto) RS10,00</p> <p>X-Salada (Hamburguer, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Presunto e Queijo) RS7,00</p> <p>X-Calabresa (Calabresa, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo e Presunto) RS8,50</p> <p>X-Bacon (Bacon, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo e Presunto) RS9,00</p> <p>Baurú (Carne, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo e Presunto) RS9,00</p> <p>Torrada Simples (Pão de Torrada, Margarina, Presunto e Queijo) RS4,00</p>	<p>Baurú c/ Bacon (Carne, Bacon, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo e Presunto) RS10,00</p> <p>Galinhão (Galinha, Maionese, Milho, Ervilha, Queijo, Batata palha) RS7,50</p> <p>Cachorro (1 Salsicha, Maionese, Milho, Ervilha, Queijo e Batata Palha) RS4,00</p> <p>X Dog (2 Salsichas, Maionese, Milho, Ervilha, Queijo, Batata Palha, Alface e Tomate) RS5,00</p> <p>Torrada Especial (Pão de Torrada, Margarina, Presunto, Queijo, Alface e Tomate) RS4,50</p>	<p>X-Lombinho (Lombo de Porco, Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo e Presunto) RS10,00</p> <p>Vegetariano (Maionese, Milho, Ervilha, Alface, Tomate, Queijo, Batata Palha) RS6,00</p> <p>Pastéis Fritos (Presunto e Queijo, Carne, Frango Catupiri, Queijo, Calabresa com Queijo) RS2,50</p> <p>Hamburguinho (Ovo, Hamburguer, Queijo, Alface, Tomate, Milho, Ervilha, Maionese, Catchup e Mostarda) RS3,00</p> <p>Fritas (Porção de Batata Frita) RS5,00</p>
--	--	--

Bebidas

Refrí Copo 300ml	RS1,00
Refrí Lata	RS2,50
Água Mineral	RS1,60
Suco Garrafa	RS2,00
Café Preto	RS1,00
Café c/ Leite	RS1,50
Cerveja Latão	RS3,50
Cerveja Garrafa 600ml	RS4,00

Complementos

Ovo	RS0,50
Batata Palha	RS0,50
Porção Calabresa	RS1,00
Porção Bacon	RS1,00
Porção Coração	RS1,00
Porção Carne	RS1,00
Porção Lombinho	RS1,00
Porção Galinha	RS1,00

Aberto ao Meio Dia
Tele-Entrega:
53.3222.5622 / 8412.6275 / 9116.5774
Rua Pedro Osório de Brito nº 90A
em frente ao Campus UFPEL Porto
Ouse, atravesse a fronteira.

Figura 10 – Folder do Treiller – Fonte: Lúcio dos Santos Miranda.

Iolanda Cunha

Dona Iolanda, uma senhora muito simpática e atenciosa é

moradora há mais de trinta anos no Bairro. Muito preocupada com seu lugar, vive envolvida com os problemas enfrentados por ela e pelos demais moradores.

Conheci Iolanda em uma reunião na Escola Ferreira Viana, na qual discutiam os problemas locais, principalmente aqueles voltados às questões de urbanidade. O grupo do PLHIS (Plano Local de Habitação de Interesse Social de Pelotas) da Prefeitura Municipal, em conjunto com o grupo SOCIOTICS (Tecnologia de Informação e Comunicação no apoio de Tecnologias Sociais), pertencente ao grupo do NAUrb (Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo) da UFPel, vinculado ao Programa Vizinhança, estava apresentando um programa no qual os moradores poderiam identificar, em um mapa, os problemas habitacionais pertinentes, do Bairro.

Muito questionadora, Iolanda, diz; “quero saber qual a aplicabilidade desse projeto, se irá fazer a diferença, se isto ajudará na melhoria do Bairro, ou é mais um levantamento de dados para nada” (07/11/2011). Ela alega que muitos já vieram falar, perguntar o que precisavam, quais eram as urgências e alguns até apresentaram soluções com desenhos, mas que nada foi feito.

Iolanda presta muita atenção e se compromete em responder e identificar os problemas e espera que mudanças aconteçam e que este projeto dê certo, pois ao contrário será mais um, entre tantos.

1.3. A história do lugar: um bairro operário ou “largado”?



Figura 11 – Foto do Bairro da Balsa – Fonte: Foto da Autora.



Figura 12 – Foto do Bairro da Balsa. Fonte: Foto da Autora.

“Os funcionários que trabalhavam na manutenção da barca foram os primeiros habitantes a construir suas casas no bairro

durante os anos 1945 e 1950, com autorização do DAER.”
(Morador João Paulo S. de Brito, 27/05/2011)

Com esta fala, iniciou uma das conversas com o morador e presidente da Associação Comunitária dos Moradores da Balsa, João Paulo. Segundo João, seu pai veio morar aqui e construiu um ranchinho, próximo ao local onde chegava a barca (fig.13). Posteriormente, construíram sua casa a alguns metros desse local, em que, ainda hoje, mora seu irmão, que é pescador e possui um pequeno comércio, vendendo seus peixes para os moradores do Bairro e para muitas pessoas que vêm do centro, buscar seus pescados fresquinhos.



Figura 13 – Trapiche do Bairro da Balsa. Fonte: Foto da Autora.

Para João, o Bairro da Balsa teve um significado importantíssimo para o crescimento da cidade, pois era pela Balsa que saíam e entravam as mercadorias de/para Rio Grande, Porto Alegre e região. Entretanto, após a

construção da primeira ponte, nos anos de 1960, ligando os municípios de Pelotas e Rio Grande, tudo mudou. Porém, quando essa ponte quebrou foi construído um cais de concreto no mesmo local e mais três para facilitar o traslado dos produtos, movimentando novamente o local. Para esse traslado, vieram do Rio de Janeiro quatro barcas (Valda I, II, III e IV) até que a nova ponte fosse construída. Após este momento, o Bairro mais uma vez foi deixado para trás, tudo ficou atirado.

Assim como o traslado dos produtos, o Bairro e a zona portuária também foram o principal território das indústrias. Nesta região, segundo João Paulo, seu Reni, seu José e Lúcio, nessas imediações, existiam várias fábricas como o Frigorífico Anglo, a Fiação de Tecidos, a COTADA que fabricava massas e bolachas, o Frigorífico Casarin, a Consulã, que beneficiava lã de ovelha, a Cervejaria Brahma, entre outras.

Segundo as narrativas, os moradores que construíram a Balsa, eram empregados dessas indústrias e que vinham de várias regiões. Nesse sentido, formou-se um bairro operário. Bairro este que não contou com qualquer apoio público, ou mesmo das indústrias para sua construção, seja das residências, ruas, água, esgoto, luz entre outros.

Os moradores entrevistados foram trabalhadores ou tiveram familiares que trabalhavam no Frigorífico Anglo, localizado ao lado do Bairro da Balsa. Segundo Lúcio, seu pai trabalhava na matança e sua mãe na rotulagem, eles recebiam seus salários em dia, ganhavam um bife com pão para o lanche da tarde, mas a indústria não colaborava com a infraestrutura do Bairro.

Seu Reni, morador do Bairro há mais de 55 anos, também trabalhou no frigorífico e confirma que os empregadores eram bons pagadores, mas não ajudavam na manutenção do lugar. Atualmente, seu Reni possui um pequeno estabelecimento comercial na Rua Pedro Osório de Brito e mora nos fundos com sua esposa.

Muitas são as manifestações dos moradores sobre a percepção de seu lugar. No contexto do Bairro da Balsa, o conceito de percepção, vem colaborar na pesquisa, quando permite uma reflexão e análise das ações do cotidiano, pois ela envolve a vida social, ou seja, os significados e os valores das coisas que decorrem das relações sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais. Entretanto, a percepção não é uma ciência, mas possibilita uma crítica dos conflitos socioambientais. Nesse sentido Merleau-

Ponty afirma:

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro, não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo”. (Merleau-Ponty, 1999, p. 6)

A percepção que os sujeitos da pesquisa têm do seu lugar, permitiu visualizar sua situação, seus problemas, seus conflitos, mas não somente isso, como também a alegria de viver ali. De estarem evidentes em suas falas, os diferentes sentimentos, significados e saberes.

Para Marilena Chauí (2003), a percepção está diretamente ligada à sensação, ou seja, não existem emoções parciais, pontuais ou elementares que se organizam posteriormente como percepção. O que ocorre é que sentimos e percebemos formas, totalidades estruturadas dotadas de sentido ou de significação. Por isso o lugar, não é somente um lugar no mundo, mas sim, o nosso lugar no mundo.

Mas o que é esse lugar? Para Milton Santos (1996), o conceito de lugar é entendido como a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade, guarda em si a dimensão da vida, com o tempo passado e presente; é nele que ocorrem as relações de consenso, conflito, dominação e resistência e a recuperação da vida. O lugar é o espaço com o qual os indivíduos se identificam mais diretamente. Pois é neste sentido que os moradores da Balsa percebem o seu lugar, conforme a fala do Senhor Reni e do Seu José,

“Morar aqui na Balsa é muito bom, porque é tranquilo, calmo, próximo ao centro da cidade. Não tenho problemas com vizinhos, somos todos amigos, todos se conhecem.” (Reni)

“Gosto de morar aqui, pois aqui me criei e criei meus filhos. E eles também moram aqui. Meus netos moram aqui. Gosto da minha casa, dos meus amigos e da pesca. Aqui sou feliz.”
(José)

Com estas narrativas, fica evidente a identificação que cada um deles possui com o lugar vivido. O quanto permeiam a construção do Bairro e se sentem parte dele.

Outro fenômeno relevante, a respeito da Balsa e que não pode deixar de ser mencionado, é o fato de carregar consigo a característica de ter sido um Bairro Operário. Esta particularidade do bairro, se transforma em uma identidade, marcada e registrada na memória dos antigos moradores, que na maioria foram operários no prédio do próprio antigo frigorífico.

Esse fato torna-se mais marcante e evidente, quando a universidade vem se instalar ao lado do Bairro, uma vez que atualiza a condição de Bairro Operário e de Periferia da cidade. Nesse caso, é importante registrar que, por ser considerada periferia, muitas vezes é chamado de Vila da Balsa, denotando o termo vila como sendo depreciativo, marcando essa posição marginal com que o Bairro é visto. Isto não é gratuito, pois em um bairro se tem todos os serviços básicos, já em uma vila, estes são irregulares, os moradores fazem tudo, com pouca ou nenhuma interferência da prefeitura.

Segundo Caldeira (1984), a palavra “periferia” adquiriu importância e vários sentidos nos discursos adotados por políticos partidários, militantes, planos de governos e também em análises das condições sociais. Atualmente, é muito utilizada não só como referência geográfica, mas na designação de limites, das fronteiras das cidades. Assim como para indicar distâncias, indica aquilo que é precário, desprivilegiado, carente de infraestrutura e serviços públicos urbanos.

Também nesse caso, pode-se dizer que a Balsa, por sua posição geográfica na cidade, seja identificada como periferia, um espaço urbano que evidencia grupos sociais deficientes em suas necessidades primeiras de condição digna de vida. Nos vários discursos, esses grupos são identificados como moradores da periferia, evidenciando sempre sua condição de precariedade.

O Bairro da Balsa é um bairro operário, pois se constituiu como tal. As pessoas que o formaram eram trabalhadores das indústrias e fábricas instaladas na zona portuária. Este, assim como muitos, também se tornou periferia, pois não receberam infraestrutura, simplesmente foram erguendo precariamente suas casas e organizando, eles próprios, as instalações clandestinas de água, luz e esgoto e a disposição de casas e ruas do bairro.

Esta condição não é casualidade de um passado, é realidade presente. Apesar dos terrenos já estarem legalizados na prefeitura, as condições de infraestrutura não foram sanadas. Segundo a fala de João Paulo...

“...o bairro esta atirado, sem manutenção, entra governo sai governo e tudo permanece igual. Somente a Tiradentes está asfaltada, pois em função da barca sempre recebeu bons materiais de aterro, que o DAER providenciava. O resto do bairro continua igual, só veio chegando mais gente, mais gente. Continuamos sem esgoto, sem pavimentação, sem meio fio. A segurança é nula.”

Como representante da associação, João Paulo sabe da realidade e dos conflitos que os moradores do Bairro enfrentam, buscando soluções junto aos órgãos públicos. Embora não sejam atendidas, nem tomadas providências, os moradores não desistem e se unem cada vez mais, para garantir melhores condições ao seu lugar.

1.4. O Frigorífico Anglo



Figura 14 – Frigorífico Anglo. Fonte: Foto da Autora.

O ciclo de urbanização do município de Pelotas teve início em 1779, quando o governador do Continente de São Pedro, José Marcelino de Figueiredo, concedeu ao Tenente Manuel Carvalho de Souza esse rincão (Gutierrez, 1993). No ano de 1812, Antônio Francisco dos Anjos doa uma porção de terras para a fundação da Freguesia São Francisco de Paula. No ano de 1832, a freguesia transformou-se em Vila e, em 1835 foi elevada à cidade (Magalhães, 2000).

Entre os anos de 1860 e 1890, Pelotas estava em pleno apogeu de desenvolvimento econômico, social e cultural (Magalhães, 1993). Esse desenvolvimento era garantido pela produção e comercialização do charque. O charque também viabilizou o surgimento de estâncias para criação de gado, ampliando a comercialização desse produto, o qual incentivou a instalação de frigoríficos, tornando-se um polo de referência para produção de carne (Vieira, 1997, p. 119 e 126).

A industrialização da carne já era sentida como uma possível alternativa para a crise das charqueadas, principalmente pela abundância de matéria-prima. Juntando-se a isso, havia a experiência com carnes congeladas,

feitas pelos europeus, contribuindo para criação dos frigoríficos.

Imbuídos desse pensamento, os pecuaristas passaram a acreditar na necessidade de se investir em tecnologia, para concorrer com o avanço do capital internacional. Com isso, os pecuaristas projetaram um frigorífico com capital nacional. Nesse sentido, Janke complementa:

“Apoiados pelo Governo do Estado, esses pecuaristas elaboraram um plano para criação de um frigorífico para industrializar a carne dos rebanhos gaúchos. Pelotas foi a cidade escolhida para a realização desse projeto, e a Intendência Municipal cedeu uma área, que, outrora, havia pertencido à charqueada Moreira, à beira do Canal São Gonçalo, para a construção do frigorífico. Em 1915, foram elaborados os Estatutos do Frigorífico Nacional, que foi fundado em 1917 e teve, como incorporadores, a União dos Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Comercial de Pelotas e, seu maior acionista, o Banco Pelotense³.” (Janke, 2011)

A Companhia Frigorífica Rio Grande manteve-se em atividade não mais que quatro anos, devido a dificuldades financeiras. No ano de 1921, foi vendida para a Companhia *Lancashire General Investment Trust Limited*, pertencente ao Grupo Vestey Brothers. O grupo inglês não trabalhou durante os anos de 1922 e 1923 devido à Revolução de 1923⁴. Em 1924 e 1925 a Companhia passou a ser denominada de Frigorífico Anglo S.A., conforme ata da assembleia, realizada em Julho de 1924, fecharam suas portas em 1926, porém mantiveram o prédio e as máquinas. No ano de 1943, o frigorífico (fig.15) reabriu com alta produção voltada para a exportação. Esta exportação era basicamente de carne congelada para alimentar os exércitos aliados durante a Segunda Guerra Mundial (Janke, 2011).

³Banco Pelotense – instituição de crédito fundada em Pelotas pelos charqueadores no apogeu econômico. O banco teve agências em várias regiões do país.

⁴Foi um movimento armada que ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul, entre os Ximangos e Maragatos, ou seja, os aliados de Borges de Medeiros contra os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil. (Janke, 2011)



Figura 15 – Imagem do Diário Popular de Dezembro de 1934. Fonte: Biblioteca Pública Municipal.

Um fator importantíssimo que conquistou o Grupo Inglês para reabrir, foi a Lei nº 206, de 25 de novembro de 1916, que isentava por 30 anos os impostos sobre os estabelecimentos frigoríficos (Janke, 2011).

Além da carne congelada e seus derivados, durante os anos 1960, também eram produzidos doces em calda (pêssego, morango), geleias e conservas de pepino e ervilhas. Essa conjugação entre frigorífico e indústria de alimentos tornou-se crescente devido ao aumento da produtividade agrícola do município, empreendido, principalmente, pelos migrantes europeus, italianos, alemães, japoneses que se instalaram na Serra dos Tapes, onde atualmente estão localizados os municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão e Morro Redondo, que se caracterizam por uma paisagem suavemente ondulada, propícia a plantação de frutas e hortaliças (Rosa, 1985).

Com o fenômeno da migração, Pelotas entrou em um novo processo de produção, ou seja, o minifúndio, com o cultivo agrícola baseado na batata, milho, pêssego, cebola, morango, arroz, soja, aspargos, feijão. Essa mudança de atividade, passando da pecuária para a policultura, deve-se também a um fator determinante, sua posição geográfica, ou seja, parte da

cidade encontra-se na Encosta da Serra do Sudeste e parte na Zona do Litoral, obtendo uma estrutura geológica caracterizada por solos arenosos, com baixo valor forrageiro e reduzida cobertura vegetal, declarando-se um solo sem nenhuma ou pouquíssima condição de produzir pastagem para alimentar o gado (Rosa, 1985).

As emancipações municipais também agravaram o processo criação de gado, pois localidades como Moro Redondo e Capão do Leão que têm solos propícios para o gado, emanciparam-se. A abertura do mercado consumidor externo e interno de produtos industrializados, foram alguns dos fatores que colaboraram para a diminuição da demanda do gado de corte.

Com a diminuição da demanda de gado, alguns frigoríficos fecharam, mudaram de cidade e poucos permanecem até hoje. No caso do Frigorífico Anglo, que fechou suas portas nos anos 90, representou uma crise para o município, pois gerou alto índice de desemprego.

Segundo o morador João Paulo, o frigorífico empregava de 3000 a 4000 funcionários na época do corte, fora os que trabalhavam indiretamente. Já Lúcio conta que as mangueiras, onde atualmente instalou seu Treiller, estavam cheias de gado e que ali, ainda estão presentes as marcas desse tempo (Fig. 16).



Figura 16 – Treiller sobre as mangueiras de concreto. Fonte: Foto da Autora.

As consequências do fechamento do Frigorífico Anglo foram sentidas em todo o município, mas o Bairro da Balsa foi quem sofreu as maiores perdas, pois a maioria dos moradores dependia do emprego no frigorífico.

1.5. Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas



Figura 17 – Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas. Fonte: Foto da Autora.

O prédio do antigo Frigorífico Anglo foi o local escolhido para a instalação do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas. Esta escolha se deve pela intenção de estar com o Centro Administrativo da Universidade na cidade de Pelotas e não mais no município de Capão do Leão. Outro fator é a necessidade de ampliar os espaços de ensino e pesquisa, diante das demandas do Programa REUNI - Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – do Governo Federal, que pretende ampliar o acesso e a permanência na educação superior, segundo informações do Coordenador Adjunto do Programa REUNI, Milton Luís Rodrigues Bresque.

O reitor Cesar Borges justifica a compra, listando alguns benefícios, entre os quais, à criação de um complexo universitário, a proximidade com o centro da cidade, a melhoria do problema com o transporte até o atual campus Capão do Leão, e por já estarem instalados na região do porto o Instituto de Ciências Humanas, Letras e Arte, Sociologia e Política, Educação e Arquitetura. Além da universidade, a cidade também seria beneficiada, porque toda aquela zona se desenvolveria. (Diário Popular, 08/05/2005)

A intenção de compra foi encaminhada ainda no ano de 2005 para o MEC. A liberação para a aquisição do Anglo foi anunciada no mês de maio do mesmo ano, pelo reitor Cesar Borges. Para isso, o MEC liberou R\$ 700 mil para a compra de 40 mil metros quadrados do frigorífico (Diário Popular, 14/05/2005).

Esta compra foi realizada em 2005 pela Fundação Simon Bolívar (FSB), por ser uma organização credenciada como Fundação de Apoio da UFPel e por possuir laços históricos nos diversos convênios e ações conjuntas com a universidade.

Segundo Milton Bresque (09/11/2011), o terreno está dividido em três partes. A primeira é a que está em funcionamento. A segunda é o prédio do outro lado da rua (interna) e outra área é a que está atrás das atuais construções. Essa segunda parte seria cedida para a construção de um Shopping, conforme proposta recebida pela FSB, entretanto, conforme informação da Fundação, parece não existir mais esta proposta. Diante disso, a UFPel entrou com uma solicitação para adquirir o restante do terreno com suas benfeitorias, visando ampliar sua área, com a construção de mais salas de aula e laboratórios.

Atualmente, no Campus Porto, está instalada a Reitoria, as Pró Reitorias, os setores Administrativos, Secretarias dos cursos, alguns cursos como, Letras, Língua Estrangeira, Enfermagem, Administração, Turismo, Laboratórios entre outros. Na região do Porto estão instalados o Instituto de Ciências Humanas, o Centro de Desenvolvimento Tecnológico, a Faculdade de Educação, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e o Centro de Artes.

Através do programa REUNI, a universidade está ampliando o número de cursos disponíveis e, com isso aumentando seu número de alunos, ou seja, dos 8 mil alunos anteriormente registrados, tem-se hoje 23 mil e a demanda por criar novos espaços com salas de aula, laboratórios, gabinetes para professores, bibliotecas é eminente. Estamos conscientes de que enfrentamos sérios problemas para acomodar e atender tamanha demanda. Entretanto, levar a diante este processo requer estudo e projetos para viabilizar as construções, a aquisição de material didático e, principalmente, concursos para nomeação de professores, servidos técnicos entre outros (Bresque, 09/11/2011).

Bresque diz saber das necessidades e urgências, mas além da

criação de propostas existem as licitações, que sempre demandam tempo, entre a sua abertura e a compra dos produtos. Mas está otimista, pois as obras não param e muitas aquisições estão sendo feitas.

Para além da universidade e sua principal função de instituição de ensino e pesquisa, a UPFeI, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, existem vários projetos. Estes projetos são oferecidos para toda a comunidade escolar e também para a sociedade em geral. Para os estudantes, a universidade oferece assistência à moradia, transporte escolar, alimentação no Restaurante Universitário e o PROASA (Programa de Assistência à Saúde do Servidor e do Aluno), entre outros. Para a comunidade em geral, estão disponíveis o ambulatório da medicina, em que são atendidos cerca de 300 pacientes por dia, o consultório de odontologia, o hospital da FAU (Fundação de Apoio Universitário) e atualmente, aqui no Campus Porto temos o Programa Vizinhança que atende, em conjunto com vários cursos, algumas demandas dos bairros próximos, principalmente nas questões de ensino, saúde, esporte, dança, música, computação e tem ainda o pessoal da Faculdade de Urbanismo, que estuda e faz pesquisa junto aos moradores, elencando as necessidades de melhoria na infraestrutura urbana dos bairros.

Outro projeto implantado pela Universidade foi o patrulhamento, visando uma maior segurança dos alunos, funcionários e demais usuários e um micro-ônibus para facilitar o trajeto entre os campi da zona do porto. O patrulhamento é feito de moto por agentes de vigilância, que a qualquer momento podem acionar a Brigada Militar e a Polícia Civil (Diário Popular, 28/08/2011).

O patrulhamento tem a ver com alguns assaltos a estudantes que vinham ocorrendo quando estes necessitavam deslocarem-se para suas aulas, nos diferentes prédios da universidade. Nesse sentido, também aconteceu a implantação do ônibus para transportar esses estudantes.

Como coordenador do programa REUNI, Bresque está preocupado, pois percebe que existe uma dificuldade muito grande a ser vencida. Há uma necessidade de quebrar paradigmas, ou seja, mudar a forma de pensar e agir. A UFPel, enquanto instituição de ensino e pesquisa, tem atuado muito mais como assistencialista comunitária, não somente da comunidade acadêmica, mas para o município. Um exemplo citado é a questão dos atendimentos à saúde, que em sua maioria são feitos nos consultórios da

universidade, em vez de nos postos de saúde da rede municipal. Esse apelo, para que a universidade resolva problemas de ordem municipal, é um dos paradigmas a serem quebrados.

Milton Bresque informa que a universidade recebe em torno de 400 milhões, deste valor, cerca de 3 milhões são destinados ao pagamento de bolsas universitárias, o que, de fato, movimenta o mercado da cidade. Além disso, um número significativo de professores e alunos chegam das mais diversas regiões do país para trabalhar, estudar e morar em Pelotas. Entretanto, receber e tratar bem estes novos migrantes requer muito mais que programas de extensão universitária, é preciso que o poder público reveja seus sistemas urbanos e de mercado e crie novas metas para acomodar essa nova população, não esperando pela universidade, que é de fato uma instituição de ensino e pesquisa. Quebrar esse paradigma que a Universidade deve ser responsável pelo município é mais um desafio.

Diante dos relatos do Senhor Milton Bresque, fica claro que a Universidade é o carro chefe do município de Pelotas e com a compra do Frigorífico Anglo, para fazer as instalações do novo Campus da UFPel, prova que o interesse em revitalizar zonas esquecidas da cidade, com forte presença na memória histórica do município, é de fato, um ganho para a cidade. Através do Programa Vizinhança projeta-se uma nova maneira de solucionar ou amenizar demandas de ordem pública nos bairros esquecidos da zona portuária.

Para os moradores, que lembram como era antes, com o frigorífico em atividade e do período que o prédio ficou abandonado, fica a expectativa de revitalização e visibilidade para seu lugar. Nas narrativas dos moradores foi possível identificar essa expectativa. Em suas vozes está latente a ânsia por um novo momento, um novo recomeço.

Nesse sentido, seguem as vozes dos moradores:

“só o fato de ver pessoas chegando e saindo do prédio, antes largado, já é um bom sinal, acredito em melhorias para todos”. (Reni)

“muita gente nova circulando pelas ruas do bairro, isso é muito bom, pois assim serão outros vendo e dizendo das nossas condições precárias”. (João Paulo)

“aumentou o trânsito de carros, quem sabe calçam nossas ruas.” (Leão)

“parece ser uma ótima oportunidade de emprego.” (Lúcio)

“pode ser bom, mas estamos preocupadas com nossas crianças, pois antes brincavam na rua sem perigo, hoje é quase impossível deixá-las brincar fora de casa, pois são muitos carros passando todos os dias.” (mães durante uma conversa na frente da escola, 07/11/2011)

“com a universidade, nossos filhos estão tendo a oportunidade de fazer aulas de informática, inglês, espanhol, arte, dança e futebol, isso está sendo muito bom.” (mães durante uma conversa na frente da escola, 07/11/2011)

Mesmo diante desse novo momento, ainda é possível perceber algumas preocupações, principalmente no que se refere ao trânsito, pois mesmo em frente à escola não há sinalização, inexistente faixa de pedestre e nem mesmo há uma placa, indicando área de escola. As crianças perderam seu espaço de socialização, não podendo mais brincar em espaço comum.

Há, portanto, claramente um contexto de tensão e contradições, a partir de aspectos considerados negativos pelos moradores, em geral os relacionados à negligência do poder público ou então de intervenções que reforçam as condições de invisibilidade do Bairro. Contudo, é possível perceber a existência de expectativas de melhorias que uma possível revitalização da área, a partir da proximidade com a universidade, poderia desencadear.

2. Etnografando o Bairro da Balsa e suas Territorialidades

O método etnográfico como instrumento de investigação, traduz os valores dos dados empíricos, através da riqueza das informações, conforme Malinowski,

“... jamais se contenta com uma única afirmação obtida de um informante privilegiado: coteja diferentes informações, verifica-as através da observação direta do comportamento das pessoas em situações sociais específicas, examina a coerência daquilo que observou diretamente com informações e observações paralelas, analisa o conteúdo emocional do comportamento manifesto.” (apud, Durham 1986, p.10)

Nesse sentido, olhar e escutar os moradores do Bairro, tornou-se fundamental para apreender suas percepções do lugar e também dos problemas existentes ali. Observar foi a prática que permitiu entender a moral, os valores éticos, as emoções, as intenções e as motivações que perpassam pela comunidade. Essa observação direta, segundo Eckert & Rocha é,

“...sem dúvida a técnica privilegiada para investigar saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. É se engajar em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos.” (Eckert & Rocha, 2008, p 2)

Vivenciar momentos na Balsa representou um encontro com as práticas e saberes da vida coletiva dos seus moradores. Suas narrativas revelaram os sentimentos, as alegrias, os medos e os anseios de uma comunidade que enfrenta conflitos socioambientais relevantes para

sobrevivência do seu território.

A manutenção do território é fundamental para que exista a sociabilidade concreta, uma vez que o território se identifica como a porção do espaço que é definida pelas relações de poder, passando assim, da delimitação natural e econômica para a de divisa sociocultural e também por ser a base de um grupo social (Santos, 1996). Conforme Paul Little (2006), o território é o produto histórico dos processos sociais e políticos de uma comunidade. Nesse sentido, observar a Balsa com esse olhar é sentir e perceber que ali estão as marcas da territorialidade de um grupo social, ou seja, ali estão as multiplicidades e particularidades socioculturais de um tipo de território, com seus vínculos afetivos e a história coletiva de sua formação (Little, 2006).

Percorrendo as ruas e travessas da Balsa, pude observar um território marcado por problemas sociais, de infraestrutura, de saúde, de saneamento básico e de cuidado. O Bairro da Balsa é um lugar que há muito tempo me acompanha, desde minha chegada a Pelotas no ano de 2000.

Por várias vezes olhei aquele espaço, observei às pessoas, os moradores, as crianças, as residências, os barcos, os pescadores e aquele antigo prédio abandonado, que tem retratada sua história nas grossas paredes, na sua estrutura e no entorno, e me perguntava, por que tamanha estrutura abandonada, deixada lá, apodrecendo.

Isto remete à questão das ruínas, como marcas da passagem do tempo e de processos de ressignificação. Segundo Adomilli (2007, pg.52), ao pesquisar a vida urbana da pequena cidade de São José do Norte, localidade marcada pelas ruínas das fábricas de Salgas e congelamento de pescado da década de 1970, estas seriam ruínas que “formam o cenário de um território-mito da cidade, que remete a duas camadas distintas do tempo”, sendo que as imagens das ruínas representariam o estigma de lugar abandonado pelo tempo, relacionado à estagnação econômica (Adomilli, 2007, pg.125), neste caso, o tempo do bairro operário e o tempo do bairro “largado”.

Através de amigos conheci a história da formação de Pelotas e do Frigorífico Anglo. Todo o movimento que ocorreu neste município foi alvo de meu interesse e em muitos momentos me dediquei a estudar sua história.

O alvo para esta dissertação foi o Bairro da Balsa. Nos meus passeios pude observar e constatar que meu olhar via poucas mudanças

daquilo que tinha vista em tempos passados. O Bairro que via, era carente e esquecido, não muito diferente do que hoje vejo. Para melhor vislumbrar o que vejo, descrevo trechos dos meus diários de campo.

Cheguei de ônibus ao Bairro da Balsa por volta das 11h30min. Desci do ônibus na parada em frente ao prédio do campus, segui caminhando em direção à entrada do Bairro, a partir do muro construído para limitar o território da Universidade, mas que possui uma abertura favorecendo os moradores da comunidade na travessia através da Rua Gomes Carneiro, em direção ao centro. Assim, constatei que a Rua Gomes Carneiro corta o terreno da Universidade, e com isso foi possível cartografar o território pertencente à instituição, ou seja, delimitar que o terreno do campus Anglo parte do Arroio Pepino (Oeste) e termina no muro (Leste), ao Norte limita com o Condomínio Simon Bolívar e ao Sul com o Canal São Gonçalo.

Ao entrar, observei o movimento das pessoas, a partir da primeira a terceira rua. Ali estava um grupo de adolescentes conversando, alguns de bicicleta outros de skate, eles usavam vestimentas despojadas, bermuda com moletom e bonés. Descontraídos, rindo e fazendo brincadeiras passam os dias, alguns estudam pela manhã e à tarde eles ficam por ali, próximos ao muro e ao lado da passagem que liga o Bairro ao campus.

As pessoas se movimentam tranquilamente, apesar da agitação de outras pessoas, carros e motos. Estes se movimentam na direção da abertura no muro, a qual é muito utilizada pelos moradores, já que é uma via de tráfego no sentido bairro-centro e centro-bairro.

As ruas não são calçadas e não possuem bueiros ou valas de escoamento da água da chuva. As casas são em sua maioria de alvenaria, algumas estão em processo de reforma ou ampliação. Também vi pessoas em suas residências, as janelas estavam abertas, roupas estendidas no varal, algumas tomando chimarrão e outras fechadas, sem movimento aparente.

Num outro momento, fui “caminhar”⁵ de bicicleta, pois estava um belo dia. Percorri algumas ruas, até chegar à praça que é organizada pelos próprios moradores, junto ao trapiche. Desci e me sentei sob uma árvore, tomei um gole de água e fiquei a observar o movimento. Algumas pessoas estavam pescando, as crianças olhando, enquanto outras brincavam nos balanços e escorregador, algumas senhoras caminhavam na volta, tomando chimarrão e

⁵Grifo da autora.

conversando e, mais ao longe, vizinhos conversavam em frente de suas casas.

A praça é um lugar aprazível e tranquilo. Muitas vezes curti o por do sol ali, acompanhada de amigos e um bom chimarrão. Esta praça tem uma gruta com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, para os católicos e lemanjá, para outros sincretismos e sempre está com flores e velas, representando pedidos, agradecimentos.

Observando o local, percebo a presença de um cavalo branco, pastando ao meu lado, quando do seu movimento, ouço cachorros latindo e correndo em disparada. Ao apurar meu olhar vejo sacolas e lixo jogados à margem do Canal, acumulados próximos aos canteiros de árvores e na água junto aos cascos dos barcos. Aproximando-me do trapiche, perguntei a um dos pescadores se hoje estava dando muito peixe, ele disse que: “hoje tava fraco”.

Enquanto estava ali, vi algumas pessoas passarem com suas bicicletas carregadas com varas e bolsas, rumando a mais um dia de pescaria, embora não tenha perguntado qual o destino dos peixes, penso que sejam para seu consumo. Outras pessoas passavam e ficavam olhando, como se questionassem quem era aquela pessoa, o que estava fazendo ali. Mas logo pareciam acostumar-se com minha presença.

Pela Estrada do Engenho, segui na direção da Universidade e encontrei habitações de madeira junto ao muro. As residências desta rua estão praticamente às margens do canal. Por entre os buracos das cercas consegui avistar barcos ancorados, redes de pesca e entulhos que não pude identificar. As ruas são de chão batido, com muitos buracos e sem passeio para os pedestres. A iluminação pareceu ser precária. Continuei meu passeio pelas ruas, sem conversar diretamente com as pessoas, apenas interagimos de maneira cordial.

O Bairro aparenta calma e tranquilidade, pessoas mais velhas tomam chimarrão em frente de suas casas, as crianças brincando na volta, donas de casa estendem roupas no varal, os comerciantes do local estão com seus estabelecimentos abertos. As oficinas mecânicas em plena atividade. Os adolescentes, novamente sentados em seu *point* preferido, conversam, riem, ensaiando passos de dança.

Com um olhar atento para o meio ambiente, percebi a inexistência de vegetação. A pouca vegetação que se vê, está localizada na faixa, entre o muro e as residências e nas margens do canal. O lugar é uma mistura do

marrom da terra e do cinza das construções sem pintura, transmitindo uma impressão de abandono. Essas residências são heterogêneas, algumas de madeira, outras de alvenaria e madeira e algumas ainda inacabadas, com reformas, puxadinhos, pátios pequenos, sem pintura, outras sem reboco. Ainda é possível observar prédios antigos, que atualmente servem de oficinas, ou são utilizados por recicladores e ainda vejo outro que é da prefeitura, utilizado para apreensão de animais (fig.18). Segundo Michel de Certeau (2003), os imóveis antigos sobrevivem, ou seja,

“Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fábricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha.” (Certeau, 2003, p. 190)



Figura 18 – Prédio antigo da prefeitura. Fonte: Foto da Autora.

Esses primeiros momentos de interação e conhecimento do espaço da Balsa, me fizeram recordar um pouco da minha infância. Assim como aqui, minha rua era de chão batido, as pessoas ficavam em frente suas casas, tomando chimarrão, conversando com os vizinhos, as mulheres

colocando as roupas no varal, eu e outras crianças brincando. Entretanto, era um lugar com muita vegetação, todas as casas tinham árvores frutíferas, hortas, jardins floridos. Lembro que fazíamos algumas saídas de campo, íamos até o rio que era rico em vegetação, havia pequenas cachoeiras, pássaros, borboletas, entre outros.

Experenciar as ambiências do Bairro, fez surgir novos sentidos, criados a partir dos movimentos, dos cheiros, dos ruídos, das casas. Ser e estar nesse lugar, foi uma importante reflexão sobre a percepção das interações sociais, das trajetórias humanas, do espaço vivido e de como ele nos influencia e como cuidamos dele.

Ao encontro de minhas observações e percepções, estão as narrativas dos moradores, como a do seu Reni, que resgata a trajetória do Bairro quando lembra e narra seu tempo de infância. Ele lembra que pouca coisa existia ali, eram algumas casas e um vazão, só charco. Com o passar do tempo, muitas pessoas foram chegando, principalmente para trabalhar no frigorífico ou nas fábricas. Procurando residir próximo ao local de trabalho, foram construindo suas casas, novos terrenos foram sendo aterrados dando espaço a novas habitações.

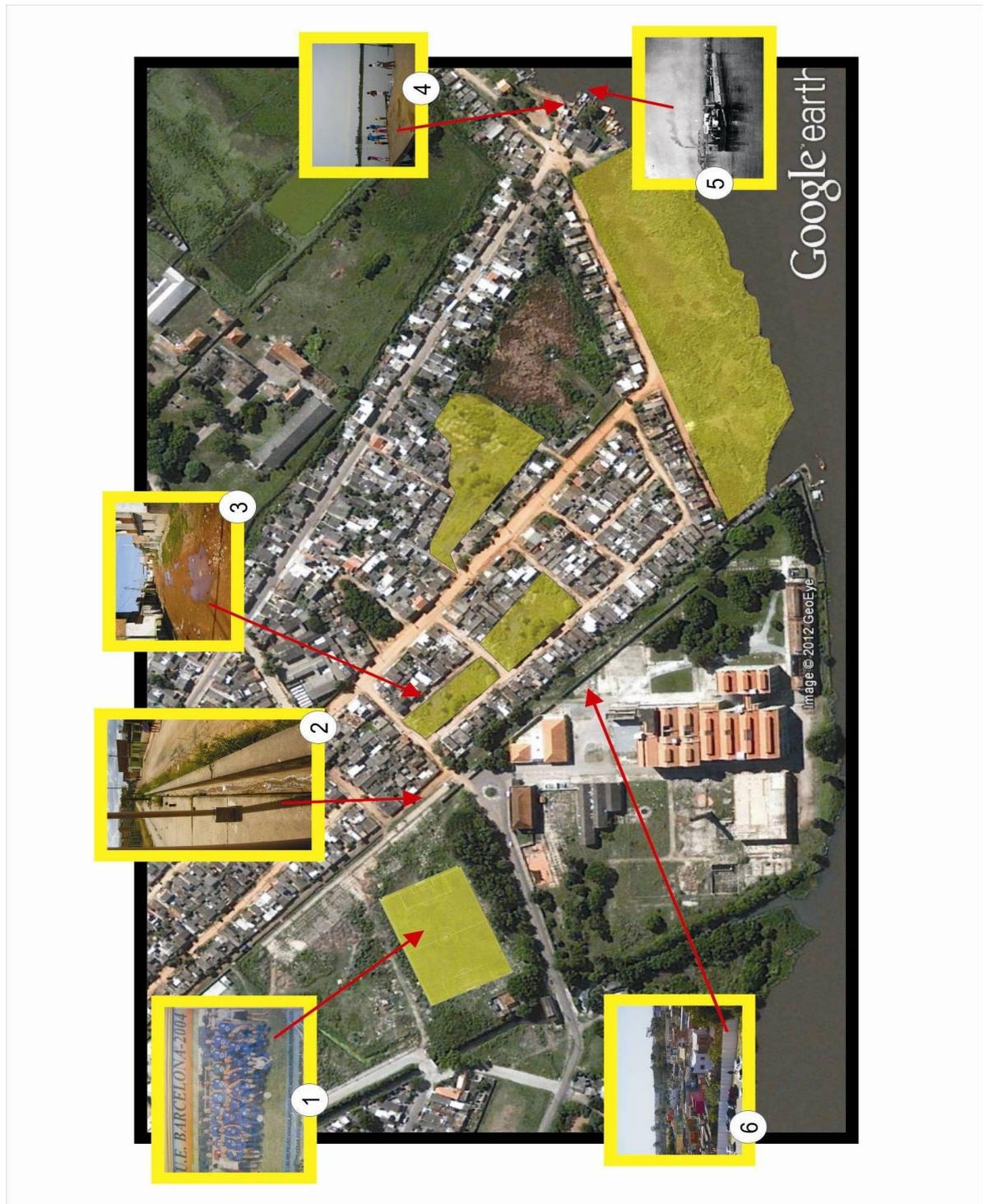
Reni comenta que gosta muito de morar ali, que é feliz, mas poderia ser melhor se a comunidade recebesse apoio da prefeitura, principalmente na questão de segurança, pavimentação, higiene e renda para as famílias. Ele espera que com a instalação da universidade, alguma coisa possa melhorar.

João Paulo, presidente da associação da comunidade, é outro a narrar as territorialidades do Bairro. A territorialidade, segundo Paul Little (2006), é “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico”, por isso, João diz ter consciência que este lugar é uma área de risco e precisa ser vista com bastante atenção pelo setor público. Que o lugar necessita melhoras na infraestrutura, ruas pavimentadas, esgotos, legalização dos terrenos, barreira de contenção para as cheias do Canal. Que a comunidade precisa ser olhada com carinho e respeito, principalmente porque são pessoas que trabalham e lutam para manterem-se.

Historicamente, o Bairro da Balsa teve diversas territorialidades, apresentando uma heterogeneidade de segmentos sociais: pescadores,

trabalhadores do porto, catadores de lixo, trabalhadores da indústria e do comércio. Essas modificações nas territorialidades são construídas historicamente, num processo contínuo da interação, entre o movimento da sociedade e o espaço físico, que permanentemente se modifica, ou seja, o ambiente é ativo e passivo, é conjuntamente condicionado e condicionante transformador da vida social (Guerra e Cunha, 2006).

MAPA CARTOGRÁFICO DEFINIDO A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS MORADORES DO BAIRRO DA Balsa

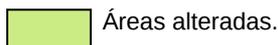


1 – Time de Futebol – Barcelona.

2 – Local das Mangueiras para o Gado do Frigorífico Anglo.

3 – Rua em dias de chuva.

4 – Trapiche.



3. Conflitos Socioambientais e Controvérsias no Bairro da Balsa

A pesquisa etnográfica, como campo de saber antropológico, permite a observação e a percepção dos conflitos socioambientais vividos em diferentes grupos sociais. Os conflitos socioambientais estão ligados, segundo Acselrad (2004), à necessidade de controle material de um recurso, nesse caso, o território. Por isso, identificar o pensamento do grupo social é fundamental para encontrar resoluções, para a implementação de um planejamento que contemple as diversas necessidades do lugar.

Os conflitos socioambientais, embasados na teoria do pesquisador Henri Acselrad (2004), conduz-nos a pensar a “reprodução durável das dimensões espaciais da desigualdade social nas cidades” (p.17). Refletir sobre os riscos que envolvem um grupo social, permite elencar os fenômenos que promovem e/ou ampliam estes riscos.

Um grupo de risco ou uma sociedade de risco ambiental, global ou local, envolve uma complexidade de olhares por parte dos diversos atores sociais. Pode-se pensar como risco ambiental as questões ligadas à saúde, à educação, às políticas públicas, à infraestrutura, ao emprego, à poluição.

No Bairro da Balsa estão presentes estes e outros riscos ambientais. A invisibilidade das necessidades do Bairro pelo poder público é visível. Observa-se a “desigual apropriação dos benefícios urbanos, sublinhando o modo como a segregação residencial e as desigualdades de condições da vida entre os territórios” (Acselrad, 2004) das cidades. Além destes, também estão presentes os mecanismos de riscos, gerados pelos

serviços, como a contaminação do Canal São Gonçalo pelos esgotos e canais de escoamento – Pepino – vindo do centro da cidade e a usina de tratamento do esgoto dos efluentes do município (fig.19 e 20), e o acúmulo de lixo.



Figura 19 – Esgoto do Canal do Pepino. Fonte: Foto da Autora.



Figura 20 – Fox do esgoto em direção ao Canal São Gonçalo. Fonte: Foto da Autora.

A desigualdade dos benefícios urbanos é percebida quando dirigimos nosso olhar para outras partes da cidade, principalmente, a zona norte do município, uma vez que ali está concentrada a maioria dos benefícios reais de investimentos públicos, já que esta região abriga os segmentos de maior renda monetária. Esse excedente, dirigido para uma única parte da cidade, impede o investimento igualitário para segmentos desfavorecidos sócio territorialmente.

Essas populações desfavorecidas, que vivem à margem do território central, sobrevivem à superposição dos males econômicos e ambientais. Visto que, na maioria, são trabalhadores e desempregados, que vivem nas áreas problemáticas sob o ponto de vista da saúde humana, pois diferentemente de outro segmento da sociedade, não podem comprar, com sua riqueza, moradia em áreas ambientalmente segura.

A poluição dos lugares das classes populares, seja por esgotos a céu aberto ou canais e galerias que levam esgotos diretamente para os rios, comprometem a saúde dessas populações, uma vez que, no caso da Balsa, muitos moradores vivem da pesca das águas do São Gonçalo. Além da poluição da água, corre-se o risco da poluição do solo, do ar e da manifestação de insetos.

Atualmente, é impossível pensar em sociedade, grupos socialmente diferentes, sem pensar nos agentes naturais, no ambiente biofísico. Paul Elliot Little (2006) fala da emergência de uma ciência que faça um diálogo intenso entre as disciplinas da biologia, da antropologia, da geografia, da história e das ciências políticas. Para ele, a “ecologia política” se apresenta como uma ferramenta capaz de ajudar a interpretar os diferentes aspectos da relação intensa, entre os agentes sociais e os ambientes biofísicos.

As realidades ambientais e políticas que a sociedade enfrenta na contemporaneidade, devido à aceleração dos processos globalizantes e a crescente gravidade da crise ambiental, se refletem em conflitos socioambientais. Esses conflitos socioambientais, segundo Little;

“...referem-se a um conjunto complexo de embates entre grupos sociais em função de seus distintos modos de interrelacionamento ecológico.” (Little, 2006, pg. 91)

Pensar os conflitos socioambientais pelo viés antropológico é ir além,

“... de um foco restrito nos embates políticos e econômicos para incorporar elementos cosmológicos, rituais, identitários e morais que não sempre são claramente visíveis desde a ótica de outras disciplinas. Um olhar antropológico pode enxergar conflitos latentes que ainda não se manifestaram politicamente no espaço público formal, porque os grupos sociais envolvidos são politicamente marginalizados ou mesmo invisíveis ao olhar do estado.” (Little, 2006, p. 91 e 92)

Assim, a etnografia dos conflitos socioambientais vem explicitar “as bases latentes dos conflitos e dar visibilidade a esses grupos marginalizados” (Little, 2006, p.92), procurando cartografar os grupos socialmente envolvidos e o ambiente por eles territorializados. Nesse sentido, também é preciso identificar os interesses e reivindicações em torno dos recursos e das emergências do território.

Nas caminhadas etnográficas realizadas no território da Balsa,

ficou visível a presença de conflitos socioambientais. Por ser um lugar marginalizado, em que os benefícios urbanos ainda não chegaram.

Como já mencionado no texto, trata-se de um grupo social heterogêneo, formado por pescadores, trabalhadores do comércio, empregadas domésticas, catadores de lixo que, em sua maioria, tiveram pouco ou nenhum acesso aos estudos, o que por vezes, enfraquece os discursos na busca de melhores condições de moradia, higiene, saúde, educação, além de outros que são produzidos pelos males econômicos e políticas vigentes.

Essas mazelas podem ser certificadas nas palavras dos moradores:

“A situação da rua, a qual moro, é uma das mais antigas e está sem pavimentação, mesmo contendo repartições da prefeitura como a apreensão de animais, a Coordenadoria Geral do Porto e também o fim da linha dos ônibus da Santa Rosa.” (Lúcio, 25/11/2011)

“O problema do CEP é outra questão, pois não sabemos exatamente a que bairro pertencemos, à Balsa ou ao Porto. Na conta de luz vem um CEP e um bairro, na do telefone ou outra informação diferente.” (Lúcio, 25/11/2011)

“Em alguns endereços aqui da Balsa, se pode encontrar bairros diferentes para ruas paralelas. Isso significa perda da identidade local.” (Dona Iolanda, 07/11/2011)

O resto do bairro continua igual, só veio chegando mais gente, mais gente. Continuamos sem esgoto, sem pavimentação, sem meio fio, com a lixeira dos catadores que não tem um local adequado para este serviço. A segurança é nula. Nos 8 anos de administração do prefeito Fetter não mudou praticamente nada, melhorou alguma coisinha na saúde, na educação. (João Paulo, 25/11/2011)

Para esses conflitos João Paulo, presidente da associação de moradores, diz que muito já foi feito para reivindicar soluções e que a comunidade sempre está brigando por melhores condições de infraestrutura, enviando ofício, fazendo manifestação, marcando reuniões e indo conversar

com os secretários, mas nada muda, continua um caos.

Além desses conflitos socioambientais, existe a questão da instalação do novo Campus da Universidade ao lado do Bairro, pois este traz uma nova forma de territorialidade ao lugar. O primeiro embate desse conflito, foi a questão da construção de um muro (fig.21), separando os territórios, o Campus e o Bairro. Esta obstrução causou revolta na população, pois passou a impedir o trânsito de pessoas e veículos para o centro da cidade. Outra questão que se pode citar, é a ocupação das áreas livres – campos de futebol – pelos entulhos da demolição dos prédios (fig.22) e lixo (fig.23).



Pela queda do muro da Balsa Moradores protestaram contra construção que divide as ruas Gomes Carneiro e Pedro Osório de Brito **Página 7**

Figura 21 – Matéria veiculada pelo jornal Diário Popular, Pelotas, 28 de Novembro de 2009.
Fonte: Acervo da UFPel – Setor de Comunicação Social.



Figura 22 – Entulhos de construção. Fonte: Foto da Autora



Figura 23 – Lixo. Fonte: Foto da Autora.

Essa nova territorialização é questionada pelos moradores, pois

segundo algumas narrativas, aqueles lugares faziam parte das atividades rotineiras da população da Balsa. Com a atitude dos novos donos do terreno do Frigorífico, o muro construído isolaria o Bairro do centro e os campos de futebol não existiram mais.

Segundo o Senhor Reni, os campos que ali existiam eram utilizados para disputar vários campeonatos. O time de bairro era conhecido pelo nome 'Barcelona' e os troféus conquistados, expostos em seu estabelecimento comercial, marcam esse fato histórico. Aquele espaço também era muito utilizado pelos meninos e meninas em brincadeiras ou em partidas de futebol.

Quanto à questão do muro, seu Reni comenta que na época do frigorífico, existia uma cerca delimitando os terrenos, mas uma abertura, um portão permitia o tráfego de pessoas. Por ali se podia chegar ao centro da cidade ou as demais fábricas instaladas da zona do porto. Entretanto, com o passar do tempo e o esquecimento do frigorífico, esta travessia se tornou uma via de fluxo intenso, acostumando os moradores a essa liberdade, sem cercas ou muros.

A narração do Senhor Reni nos leva à interpretação de que a construção do muro e a interrupção do trajeto, geraram um conflito socioambiental pertinente, na população que não queria ficar mais isolada ainda, à margem do centro urbano. Nesse conflito, a comunidade conseguiu sair vencedora, pelo menos num primeiro momento (fig.24).



Figura 24 – Muro que divide os territórios e a rua de acesso ao Bairro. Foto tirada a partir da Balsa. – Foto da Autora.

Segundo João Paulo, a decisão de cercar os limites do território do Campus é um direito de propriedade. Entretanto, é fundamental se pensar nas redondezas, propor uma solução. Para este caso, João mencionou a possibilidade de se construir outra via, ao lado do Condomínio Simon Bolívar, a poucos metros de distância da rua atual, mas que ainda não houve um consenso entre os moradores, a prefeitura e a UFPel.

Nesse sentido, Bresque, representante da universidade, afirma que a decisão de colocar o muro, foi tomada quando havia a intenção de se construir um Shopping Center pela empresa Porto Shopping. Quanto à construção de outro caminho, ainda não havia uma definição. Já na prefeitura, não foi possível encontrar informações a esse respeito.

Esse novo fenômeno altera o modo de vida dos moradores, principalmente com o aumento do fluxo de veículos e pessoas. Este fato, mencionado pelas mães reunidas na escola no dia 11 de novembro de 2011, revela que estão preocupadas com a segurança das crianças, pois a tranquilidade das ruas foi substituída por carros transitando o tempo todo em direção à universidade, além da inexistência de faixas de segurança. Essas mães reclamam que suas crianças não podem mais brincar na rua, perderam a liberdade que tinham.

Outro problema revelado pelas mulheres, devido ao fluxo de veículos, está ligado à poeira das ruas não calçadas, pois está trazendo problemas respiratórios para os familiares, além de empoeirar a casa toda, penetra nas roupas, recém lavadas que estão estendidas nos varais.

Dona Iolanda, moradora do bairro há mais de trinta anos, revela que nos documentos da prefeitura a Rua Paulo Guilayin consta como calçada, mas que na verdade, a olhos vistos a quem quer que seja, está ali, permanecendo de terra. Nesse sentido, outra mulher comentou que alguns moradores se sentem constrangidos ao ir para o centro em dias de chuva, pois seus pés estão embarrados e que todos já os identificam como moradores da Balsa.

Outro conflito socioambiental está relacionado ao transporte público, que já era ruim e agora ficou ainda pior. Segundo os moradores, que pensaram que iria melhorar esse serviço com a chegada da universidade, acabaram por destacar que essa situação não mudou e sim, piorou, pois os ônibus estão sempre lotados de estudantes, que não têm culpa alguma, já que necessitam do ônibus para estudar e que muitas vezes os alunos sentam no chão, devido à falta de espaço, deixando os moradores espremidos. Ainda relataram que nos finais de semana os horários são reduzidos.

Para além desses conflitos socioambientais relacionados às políticas públicas, economia, territorialidades, ainda se percebe os conflitos de lazer. O Bairro da Balsa é desprovido de áreas públicas comuns, favoráveis ao convívio social. Não se vê praças ou parques públicos, o que existe é uma pequena praça (fig.25), junto ao trapiche, criada e mantida pela associação do bairro e uma possível praça na rua principal.



Figura 25 – Pracinha ao lado do trapiche. Fonte: Foto da Autora.

A questão social e o convívio em áreas de bem comum são fundamentais para criar e manter grupos sociais heterogêneos em harmonia. Ajuda a estabelecer a amizade, a confiança, o respeito pelo outro. Um ambiente limpo e belo promove a construção de sujeitos cuidadores de si e do seu habitat, promovendo o que Guattari chama de ecosofia, ou seja,

“o equilíbrio que deve existir entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, numa perspectiva de resignificação das relações sociais, culturais, políticas e econômicas.” (Guattari, 1990)

Em se falando de relações sociais e meio ambiente, temos o pensamento da Educação Ambiental que vem colaborar nessa discussão a respeito dos conflitos sócio-ambientais. A Educação Ambiental é uma ciência que resgata o pertencimento do homem à natureza, a valorização do sujeito em relação ao seu igual e ao meio em que vive.

Nesse sentido, a Educação Ambiental busca criar um novo paradigma para a sociedade, uma vez que esta vive a racionalidade da modernidade. Essa mudança de paradigma direciona-se para uma

racionalidade ambiental, ou seja, buscar novas formas de entender as relações socioambientais.

Segundo Leff, essa nova racionalidade precisa gerar uma nova ética. Para Leff a racionalidade ambiental

“se funda numa nova ética que se manifesta em comportamentos humanos em harmonia com a natureza; em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que dão sentido à existência humana. Estes se traduzem num conjunto de práticas sociais que transformam as estruturas do poder associadas à ordem econômica estabelecida, mobilizando um potencial ambiental para a construção de uma racionalidade social alternativa.” (LEFF, 2001, p. 85)

As transformações nos comportamentos humanos devem ser na ordem econômica, política e cultural e, nesse sentido, a Educação Ambiental se comporta como um elemento chave na sensibilização cidadã. Para Leff (2010), essa educação deve manter um diálogo com os saberes e romper com a obsessão de construir um mundo unitário, generalizado, com um único pensamento. É preciso conviver com a política da diferença nos diversos grupos sociais.

Carvalho (2001) também diz que a educação ambiental está ligada com as relações culturais e políticas produzidas nos/pelos grupos sociais. Por isso, a educação ambiental deve se apoiar no conceito de ambiente como sendo uma realidade passível de diversas leituras.

Como o ambiente permite essa diversidade de leituras, foco meu olhar para uma realidade vivenciada no *lócus*. Para isso, busco em Paul Little (2006) os conceitos de lugar e território para me ajudar nessa leitura.

A partir do conceito de lugar, pode-se dizer que o Bairro da Balsa encontra-se, no atual momento, num processo dinâmico de conflitos socioambientais. Estes conflitos estão expressos nas reivindicações que os moradores fazem junto aos órgãos públicos municipais, como também uma preocupação com a chegada da universidade, que até o presente momento, vem incluindo projetos de auxílio aos moradores.

Esses conflitos socioambientais, segundo Acselrad (2004), se estabelecem devido à necessidade de controle material de um recurso, nesse

caso, o território. Por isso, identificar o pensamento de cada grupo social será fundamental, para encontrar resoluções para a implementação de um planejamento, que contemple as diversas necessidades do lugar.

Considerando essa direção, a educação ambiental se apresenta como uma prática de aprendizado que consiste em aperfeiçoar habilidades no ato perceptivo dos elementos constituintes do mundo, procurando incorporar nos sujeitos a capacidade de captar sinais e signos que movimentam e determinam um território (Carvalho & Steil, 2009).

Junto a esses processos de intervenções antrópicas no meio ambiente, surge a preocupação com a sustentabilidade dos sujeitos envolvidos e o próprio território físico, enquanto ecossistema. Nesse sentido, falar de sustentabilidade é fundamental, pois é a garantia de manutenção dos sujeitos e do espaço natural local.

A definição mais aceita e discutida é aquela criada pelas Nações Unidas, que surgiu na Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, para propor meios de harmonizar os objetivos que movem a dinâmica capitalista, ou seja, desenvolver economicamente e conservar ambientalmente. Além desta, a definição de que para haver um desenvolvimento sustentável é preciso ser capaz de suprir as necessidades da atual geração sem comprometer a capacidade de atender as futuras gerações, ou melhor, que se tenha um desenvolvimento que não esgote os recursos naturais para o futuro.

Segundo Ignaci Sachs (1993), para obter-se um desenvolvimento sustentável, é preciso encontrar o equilíbrio entre as sustentabilidades social, econômica, ecológica, espacial e cultural. Assim, este equilíbrio permitirá a redução das desigualdades sociais, o aumento da produção e da riqueza social sem dependência externa, a qualidade do meio ambiente e a preservação das fontes de recursos naturais e energéticos para as gerações futuras, bem como, evitar o excesso de aglomerações ou desequilíbrios regionais e conflitos culturais com potencial regressivo, ou seja, a perda de uma cultura em troca de outra que ocorre na troca de habitat.

Leff (2007) coloca o desenvolvimento sustentável como não homogêneo. Ele é conflitivo devido às visões e aos interesses diferenciados. Suas propostas estão baseadas em uma economia voltada para uma nova racionalidade de uma produtividade ecológica dos territórios, além das

propostas tecnológicas de reciclagem e da tecnologia limpa, recodificando a vida e a cultura.

Segundo esse mesmo autor, a sociedade atual precisa focar-se em uma racionalidade local e aprender a conviver com seus próprios territórios, como faziam os indígenas e os camponeses, pensar em uma produtividade ecológica do lugar (Leff, 2010).

Uma racionalidade local, não no sentido de uma prática a ser ensinada, mas que venha do sensível do indivíduo e da convivência que as sociedades autóctones têm com seu lugar. Uma prática que parte da necessidade de sobrevivência através da integração com o território.

A proposta da racionalidade local surge como uma possibilidade ou como um recurso para mediar os conflitos socioambientais, econômicos e políticos. Nesse sentido, a Educação Ambiental se torna um instrumento na construção dessa racionalidade.

3.1. Revitalização: controvérsias

Muito antes de pensar em tornar o Bairro da Balsa um objeto de estudo já percebia se tratar de um lugar abandonado e marginalizado pelo poder público, apesar dos cuidados que seus moradores tinham em preservar e organizar seu lugar. Foram muitas caminhadas e passeios pelas ruas e travessas, olhando e pensando como deveria ter sido esse território na época do apogeu industrial.

Assim como na Balsa, muito quis conhecer da história de Pelotas e assim o fiz. Li livros, contos, lendas, poesias e tudo mais que pudesse me garantir um conhecimento histórico do município. Conversar em pessoas mais velhas, seja à mesa de um restaurante, num café ou entre amigos. Entretanto, uma questão sempre esteve presente e ainda hoje se mantém latente: por que Pelotas deu as costas para a água? Seja para o Canal São Gonçalo e a Laguna dos Patos ou para a orla; ignorando seu litoral, vindo construir sua urbanidade longe das águas. Apesar das palavras nos livros e nas conversas

afirmarem que esta foi uma decisão tomada em função dos odores e insetos que a produção de charque gerava.

Uma vez que a história já está posta e o motivo que levou a construir o centro urbano numa região longe da praia não mudará os fatos, resta agora apreender o que está dado e aprender a conviver com este território.

O antigo e o novo estão se cruzando o tempo todo nas territorialidades pelotenses, basta lançar um olhar mais apurado ao cotidiano da cidade. Prédios antigos com novas funções. Casarões a serviço da cultura. Fábricas servindo como escola. O velho torna-se novo, mas não apaga as memórias que estão registradas em suas paredes, traçados e ruas. Essas “velhas pedras”

“renovadas se tornam lugares de transito entre os fantasmas e os imperativos do presente. São passagens sobre múltiplas fronteiras que separam as épocas, os grupos e as práticas.”
(Certeau, 2003, p. 194)

Essa confluência de fatos levou-me a apurar o olhar sobre a Balsa, um lugar antigo e importante, mas que foi esquecido e que agora está envolvido em um processo de revitalização, de um encontro com o novo.

As controvérsias são muitas entre os moradores que vivenciam este processo de encontro com o novo. O Bairro aguarda, espera, deseja ser visto, lembrado e revitalizado, como tantos outros prédios históricos da cidade.

“acredito que vai ser muito bom.” (Reni)

“espero que venham melhorar nossas ruas.” (Leão)

“não sei, acho que está ficando pior.” (Iolanda)

“estou ansioso, acho que vai ser muito bom” (Lúcio)

“espero que as melhorias cheguem e atravessem o muro.”
(João Paulo)

“nossos filhos não podem mais brincar na rua.” (mães)

“muitos carros, está perigoso, o trânsito aumentou. É um vai e vem sem parar.” (mães)

“poeira, lama, barulho.” (Iolanda)

“não tem mais campinho para o futebol.” (Leão)

“com o prédio antigo sendo reformado, parece que a vida retorna.” (Reni)

“alguns programas direcionados para a escola e saúde da população estão sendo realizados por estudantes da UFPel, parece bom.” (João Paulo)

“a infraestrutura do Bairro é o que me preocupa.” (João Paulo)

Parece que os moradores estão divididos e apreensivos. Sabem que melhoras irão ocorrer do outro lado do muro, mas será que os benefícios da modernidade chegarão até eles, também serão beneficiados de alguma maneira?

Pensar em uma restauração urbanística requer também se pensar em uma restauração social (Certeau, 2003), uma vez que esta movimentam os lugares e os seus sujeitos. Isso também gera um conflito socioambiental, pois a restauração modifica e por vezes vem acompanhada da substituição dos destinatários, “tira de seus usuários habituais os imóveis que, por sua renovação, destina a uma outra clientela e a outros usos”, (Certeau, 2003, p. 195). Essa questão faz com que os moradores se questionem sobre quem será o beneficiário dessa restauração.

Por isso, trazer as narrativas dos sujeitos também é um processo de restauração. Ajuda a desfazer os mitos e a construir a história do lugar que estão dormindo nas ruas, a espera do despertar.

A restauração parece estar surgindo, mesmo que seja em pequenas ações, planejadas pelo novo habitante, mas que voltada para o público do Bairro, chega em boa medida. A UFPel, como novo morador, pensa em partilhar bons momentos com os usuários habituais do lugar.

O que é possível perceber e já estão nos registros do Programa Vizinhança, idealizado pela Universidade Federal de Pelotas, com recursos do Ministério da Educação e Cultura para projetos de extensão, são as intervenções, que os grupos de vários cursos, estão realizando junto aos moradores, principalmente no atendimento às crianças.

O Programa Vizinhança está sendo coordenado pela professora Luciane Prado Kantorski e conta com a colaboração de diversos professores das diferentes áreas do conhecimento. Nas questões de urbanidade, os projetos estão a cargo da professora Nirce Saffer Medvedovski, que forneceu alguns dados dos projetos vinculados a FAUrb (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) e que serão apresentados em breve.

O Programa Vizinhança tem por objetivo, através de ações simultâneas em conjunto com as comunidades, reduzir os índices de violência; orientar pessoas da comunidade sobre direitos humanos; melhorar a qualidade de vida da população; identificar jovens em risco social e engajá-los em projetos sociais; promover atividades esportivas, educativas e culturais gratuitas, visando incluir mulheres e jovens de 15 a 24 anos, moradores de rua ou expostos à violência doméstica e urbana, resgatando sua autoestima e permitindo que eles disseminem uma cultura de paz em suas comunidades; contribuir para a recuperação dos espaços urbanos das áreas degradadas promovida pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e incentivar a disseminação de atividades culturais na comunidade e transformar os espaços em centros de promoção sociocultural⁶.

Como o programa mostra-se amplo e envolvendo diferentes áreas do conhecimento, procurei deter-me nas questões que envolvem esta pesquisa. Assim, conforme mencionado acima, apresento os aspectos positivos e negativos (quadro 1), por ordem de importância, do Bairro da Balsa a partir dos dados do DRUP (Diagnóstico Rápido Urbano Participativo), coordenado pela professora Nirce.

⁶Conforme Projeto do Programa Vizinhança. Ano 2009/2010. Este relatório me foi enviado pela professora Luciane Kantorski, coordenadora do programa.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Vizinhança	Posto de Saúde
Localização	Barro
Escola	Pavimentação
Tranquilidade	Segurança
Transporte Público	Alagamentos
	Lixo
	Drogas

Quadro 1 – Aspectos Positivos e Negativos do DRUP. Fonte: Professora Nirce Saffer Medvedovski

Neste diagnóstico é possível verificar as emergências urbanas do Bairro da Balsa. Ao utilizar-me dos dados do DRUP, reforço minha pesquisa etnográfica realizada junto aos moradores, salientando as demandas de urbanidade do lugar.

3.2. Cartografia Social

“O Mapa é um tipo de linguagem duplamente particular: de um lado, ele é meio termo entre o simbólico puro (como a pintura abstrata ou os enunciados matemáticos) e o “figurativo” (fotografia, cinema) por outro lado, ele se opõe às linguagens seqüenciais, posto que ele apresenta simultaneamente ao receptor o conjunto da informação.” (Lévy, 2008, p. 153 e 154)

Cartografar é retirar de um lugar informações que dizem respeito a um conjunto de relações entre as sociedades e seus espaços. Cartografar concerne o conhecimento da vida cotidiana, do econômico, do político, da teoria, da linguagem e da tecnologia (Lévy, 2008).

As palavras de Lévy ajudaram-me a pensar no Bairro da Balsa como uma cartografia social, uma vez que ela permite um mapeamento não somente do território enquanto espaço físico, mas principalmente como um

espaço social. Mapear é ir além destes espaços, é fazer uma reflexão sobre os aspectos políticos, étnicos e culturais.

Segundo Catrogiovani (2009) que vê a cartografia como sendo um

“conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem.” (Castrogiovai, 2009, p.38)

Para uso científico, a cartografia proporciona a compreensão espacial de fatos e fenômenos, servindo como um instrumento de conhecimento, controle e domínio de um determinado território ou população. Além disso, é muito utilizada para organizar a vida no cotidiano (Catrogiovani, 2009).

Yves Lacoste, um geógrafo francês, coloca a cartografia com um instrumento de poder sobre o espaço e sobre as pessoas que ali vivem. Ela é muito mais que uma série de dados estatísticos, ela é “a forma de representação gráfica por excelência, é sobre a carta que devem ser colocadas todas as informações necessárias para a elaboração de táticas e estratégias” (Lacoste, 1988, p.23).

Portanto, a cartografia enquanto instrumento de síntese de um determinado lugar, permite identificar, conhecer e entender, a partir da observação e percepção de fatos e fenômenos e de dados reais da realidade vivida, aquilo que “acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas” (Callai, 2000, p. 84). Cartografar um lugar, permite conhecer a história e as coisas que ali acontecem; do tipo de relações que existem entre os moradores, as relações de poder, os discursos que são válidos, bem como para propor estratégias de melhoria das condições de vida, de infraestrutura, de saúde, de educação, de sociabilização e de economia.

Podemos dizer que os mapas não são muito utilizados como instrumento de orientação, seja para localização, mobilidade, construções entre outros. Entretanto, eles estão se apresentando como um excelente aparelho para elaborar projetos, empreendimentos e políticas governamentais voltadas

às demandas sociais.

Para construir um mapa, é preciso o envolvimento de pesquisadores e membros da comunidade em questão, já que o mapa é construído a partir das indicações e narrativas dos moradores ou grupo étnicos. Nessa relação, é preciso estar atento para valorizar o conhecimento tradicional, dando voz as suas narrativas, uma vez que os pesquisadores utilizam-se de outra linguagem, a da tecnologia da informática, que na maioria das vezes impossibilita grupos subalternos de se apropriar dessa linguagem.

Henri Acselrad, no livro *Cartografias Sociais e Territórios* (2008), fala de cartografias sociais e mapeamento participativo como iniciativas que;

“poderão ser vistas ora como esforços de resistência às dinâmicas da globalização, ora como instrumento de apoio à efetivação mesma destas dinâmicas.” (Acselrad, 2008, p.9)

Desde os anos de 1990 que o mapeamento participativo, incluindo populações locais na produção dos mapas, vem difundindo-se mundialmente, envolvendo agências governamentais, organizações indígenas, étnicas e culturais, ONG's, cooperativas, fundações privadas e universidades. (Acselrad, 2008). Estes processos de mapeamento, além de utilizar amplamente o conhecimento dos moradores locais, fazem uso de tecnologias georeferenciadas ou de técnicas geomáticas como o GPS⁷ (Global Positioning Systems) e o SIG⁸ (Sistema de Informação Geográfica).

Na atualidade, os mapas participativos ou comunitários se tornam ferramentas para mobilizar a comunidade, gerando debates sobre as demandas locais. O mapeamento pode trazer relevância, coerência e valorização de uma comunidade.

Várias podem ser as terminologias internacionais para estes mapeamentos, como: estudo do uso da terra, estudo de ocupação, estudo do uso dos recursos naturais, etnocartografia, mapeamento de comunidades

⁷O GPS é um sistema de posicionamento que utiliza satélites para indicar ao usuário sua posição exata usando um sistema de coordenadas conhecidas tal como latitude e longitude. Esta tecnologia é usada frequentemente para a demarcação de áreas de terras onde existe disputa quanto ao acesso e controle de recursos naturais. (Acselrad, 2008, p. 21 e 22)

⁸O SIG é um sistema computadorizado projetado para coletar, armazenar, gerenciar e analisar as informações com referências sobre espaços geográficos e dados associados de atributo. Utiliza-se cada vez mais a tecnologia SIG para explorar as questões de interesse das comunidades. (Acselrad, 2008, p. 22)

localizadas, como indígenas e raciais. (Acselrad, 2008). Como exemplos destes mapeamentos, podem-se citar o caso da República Dominicana, que demarcou “o papel específico das mulheres no cultivo da diversidade biológica” (Acselrad, 2008, p. 23); o da Tailândia, onde “buscou-se aumentar a segurança da posse de terra e acesso a recursos naturais por grupos socioculturais, com territorialidades fluidas e complexas” (Acselrad, 2008, p. 23 e 24).

No Brasil podem ser acrescentados os mapeamentos de levantamento etnoecológicos, mapeamento comunitário participativo, etno-ambiental dos povos indígenas, cartografia social, formas de ocupação do território entre outros (Acselrad, 2008). Estes mapeamentos procuram identificar as territorialidades existentes num determinado lugar, apresentando em que territórios vivem e trabalham certas comunidades, delimitando seus territórios e suas territorialidades identitárias.

Existem diversos mapeamentos em andamento no Brasil, mas um exemplo relevante é o Projeto Mamirauá, que está localizado na confluência dos rios Solimões e Japurá, no estado do Amazonas, mais precisamente nas proximidades da cidade de Tefé. Nesse projeto, que é desenvolvido na Reversa de Desenvolvimento Sustentável, buscou-se, a partir do mapeamento participativo, estudar e elaborar planos de manejo florestal, fazendo com que haja uma exploração racional dos recursos naturais, assegurando a conservação da biodiversidade e das condições necessárias para a reprodução social e a melhoria na qualidade de vida da população. (Acselrad, 2008)

No caso da comunidade da Balsa, ouvir as narrativas, analisar o espaço social, a situação econômica, as políticas sociais e as emergências urbanas, permitem a construção de uma cartografia social. Além disso, também permite a utilização da tecnologia SIG (Sistema de Informação Geográfica) como uma ferramenta no auxílio de diagnósticos e projetos estratégicos.

O Plano Local de Habitação de Interesse Social, elaborado e administrado pela GAUP – Geotecnologias para Arquitetura, Urbanismo e Planejamento – é um trabalho contratado pela Prefeitura Municipal de Pelotas com a colaboração com o NAUrb e o SOCIOTIC´s da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e está realizando um mapeamento participativo na cidade de Pelotas, através de oficinas realizadas nas comunidades, bairros, associações e entidades representadas.

O GAUP utiliza geotecnologias para tomar decisões, visando uma

qualidade de vida urbana através de soluções inovadoras, customizadas e eficazes. Desenvolve plataforma e treinamento para coleta de dados, análise e visibilidade das emergências urbanas.

No caso do PLHIS de Pelotas, mais especificamente no Bairro da Balsa, foram realizadas oficinas e treinamento na comunidade. Nesse dia participei das atividades e percebi uma grande expectativa do público presente. Várias perguntas a respeito do funcionamento do aplicativo e principalmente sobre a concretização deste estudo surgiram durante a atividade.

Geisa Bugs, coordenadora da atividade e vinculada ao GAUP, explicou que, naquele momento, somente iria ocorrer um treinamento e que as pessoas da comunidade e da cidade terão um tempo para postarem suas emergências urbanas, para posteriormente ocorrer à análise destes dados, que possibilitará a construção e elaboração de projetos para melhorar a urbanidade de Pelotas. O Fluxograma (fig. 21) abaixo exemplifica a estrutura utilizada pela GAUP.

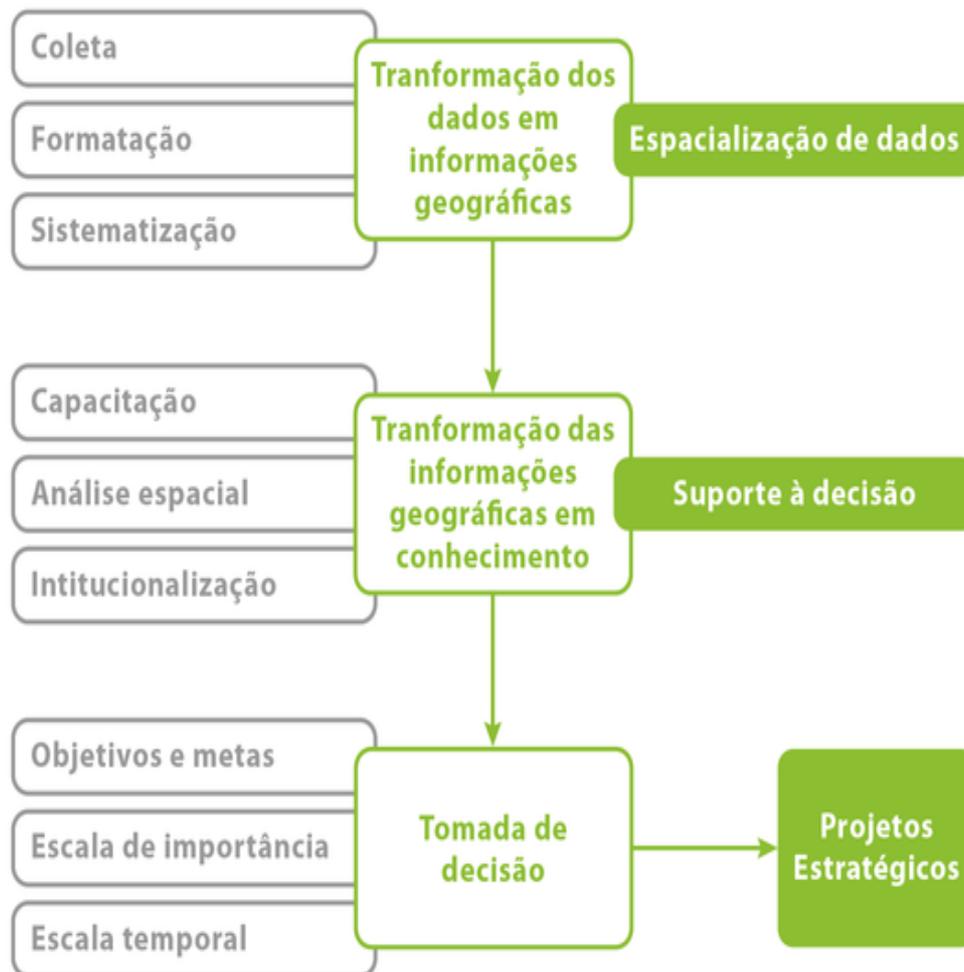


Figura 26 – Fluxograma. Fonte: www.gaup.com.br

Por se tratar de coleta de dados georeferenciados, a utilização de ferramentas interativas, através da internet, é fundamental, por isso a GAUP criou blogs, redes sociais, Twitter e o mapa interativo. Através destas ferramentas qualquer pessoa poderá inserir informações, sugestões ou problemas que enfrenta no lugar onde mora ou em qualquer parte da cidade.

Ao acessar o site www.plhispetotas.blogspot.com aparece o mapa interativo (fig.27). Neste mapa é possível colocar os problemas identificados no bairro ou cidade e ao mesmo tempo o local em que estão ocorrendo.

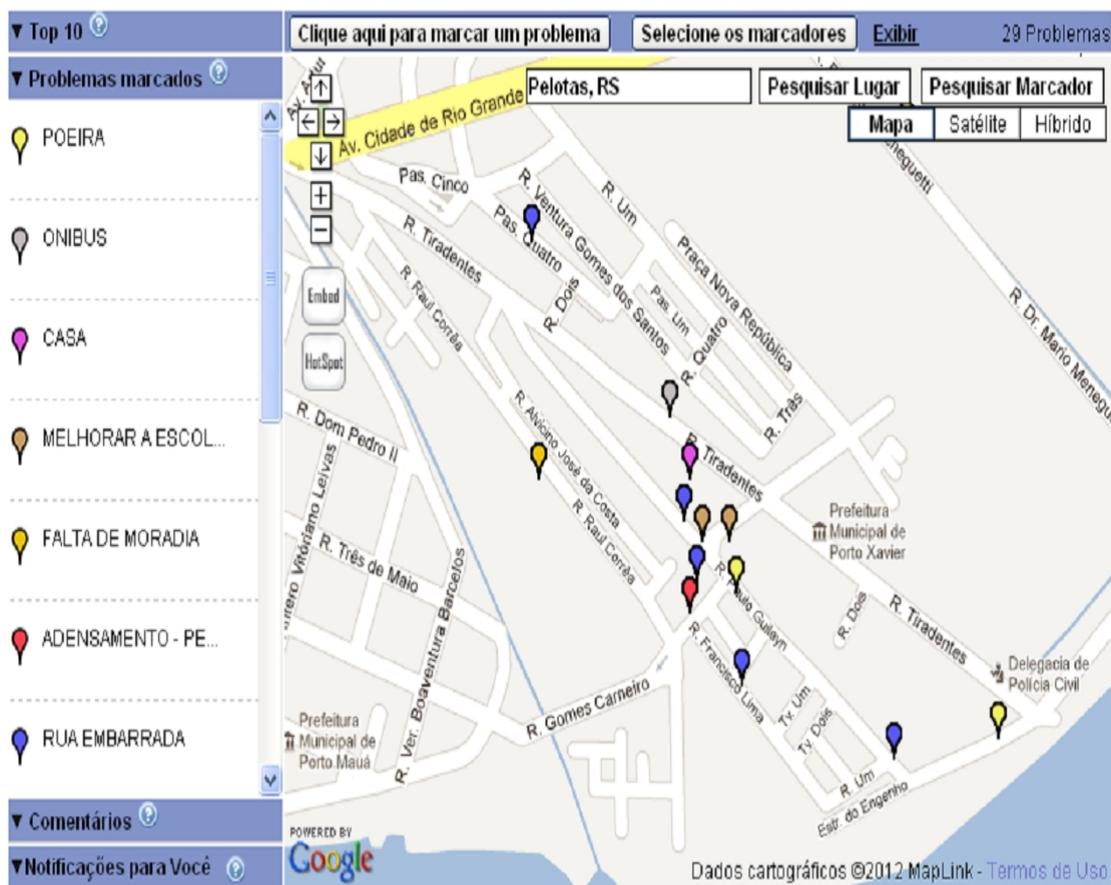


Figura 27 – Mapa Interativo. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

A figura acima localiza o Bairro da Balsa, no qual é possível perceber o acesso dos moradores bem como suas emergências.

Num primeiro diagnóstico, que já está postado no sitio do GAUP, é possível identificar as emergências e as necessidades da comunidade. Os mapas (fig.28 e 29), abaixo, demonstram os problemas e os locais em que estes problemas se apresentam. As figuras (fig.30, 31, 32 e 33) elencam os problemas com maior e menor importância.

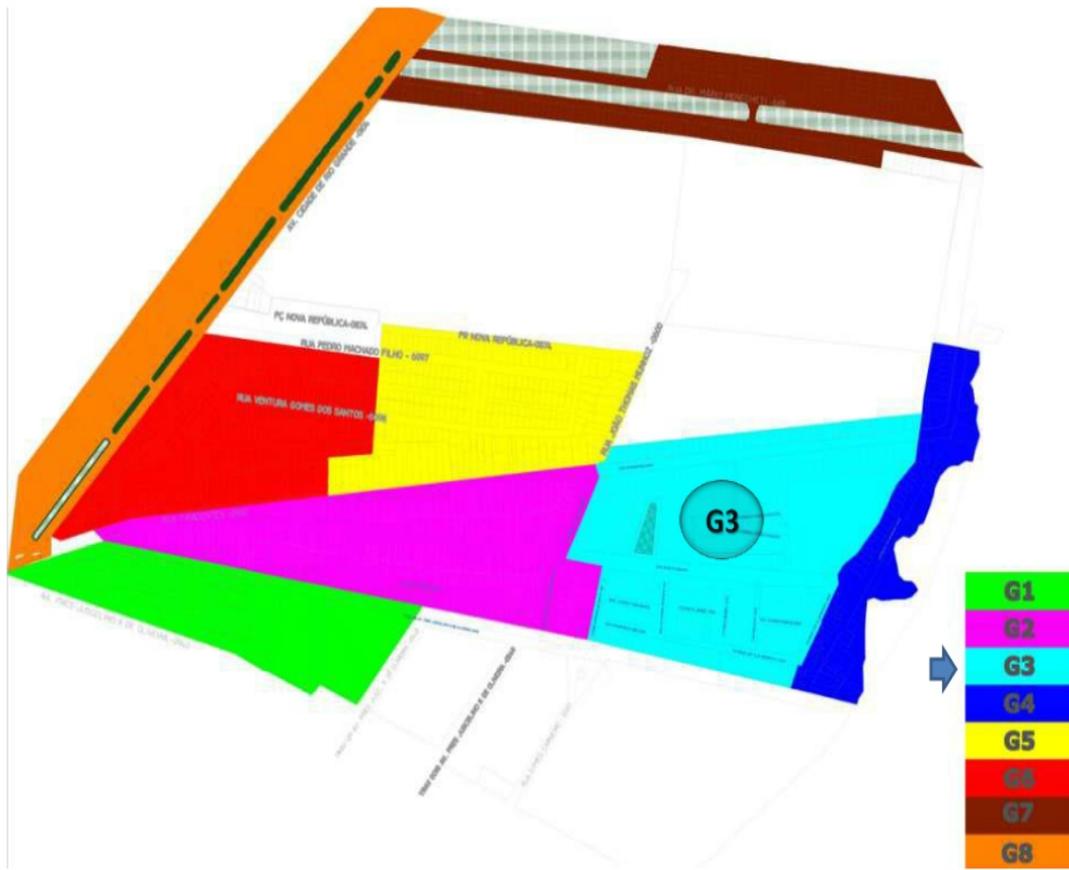


Figura 28 – Mapa da área pesquisada. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

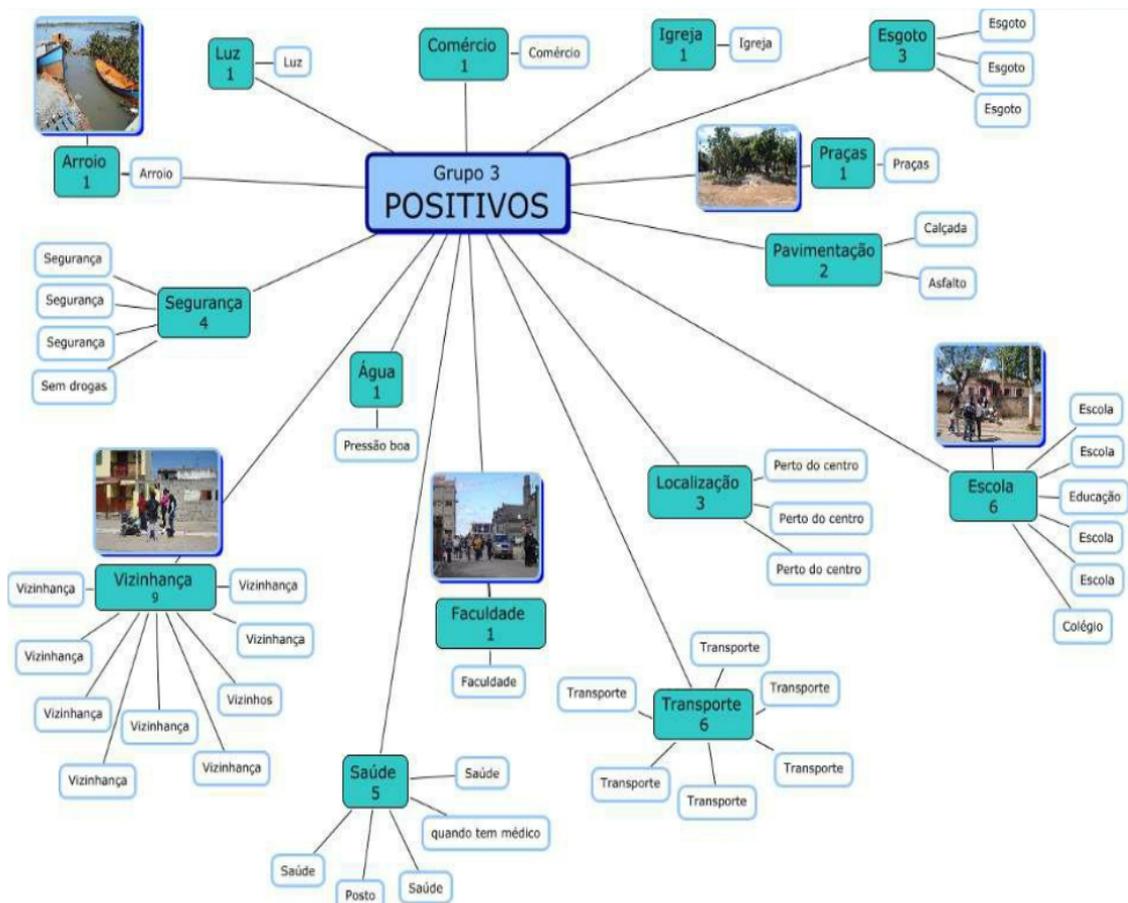


Figura 29 – Aspectos Positivos da área G3. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

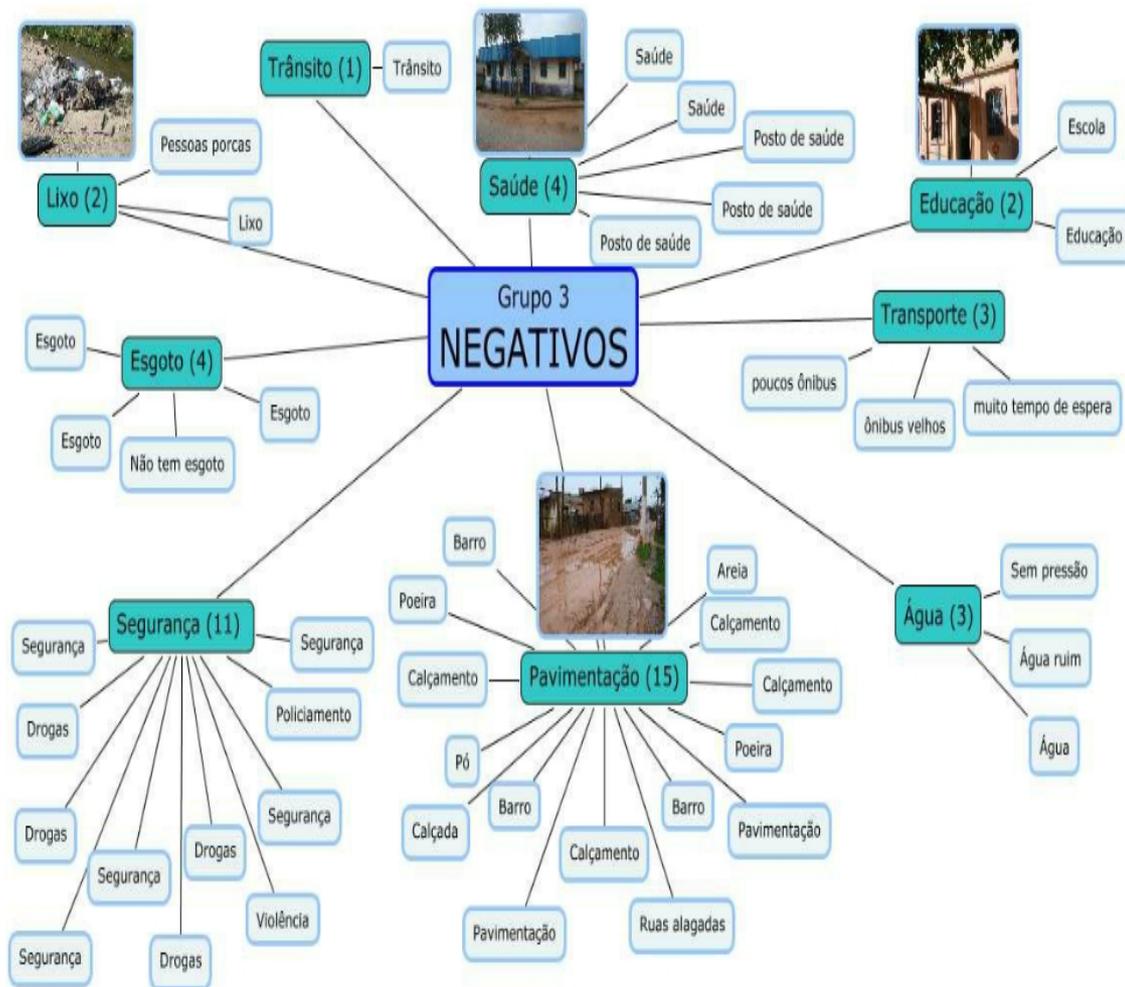


Figura 30 – Aspectos Negativos da área G3. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

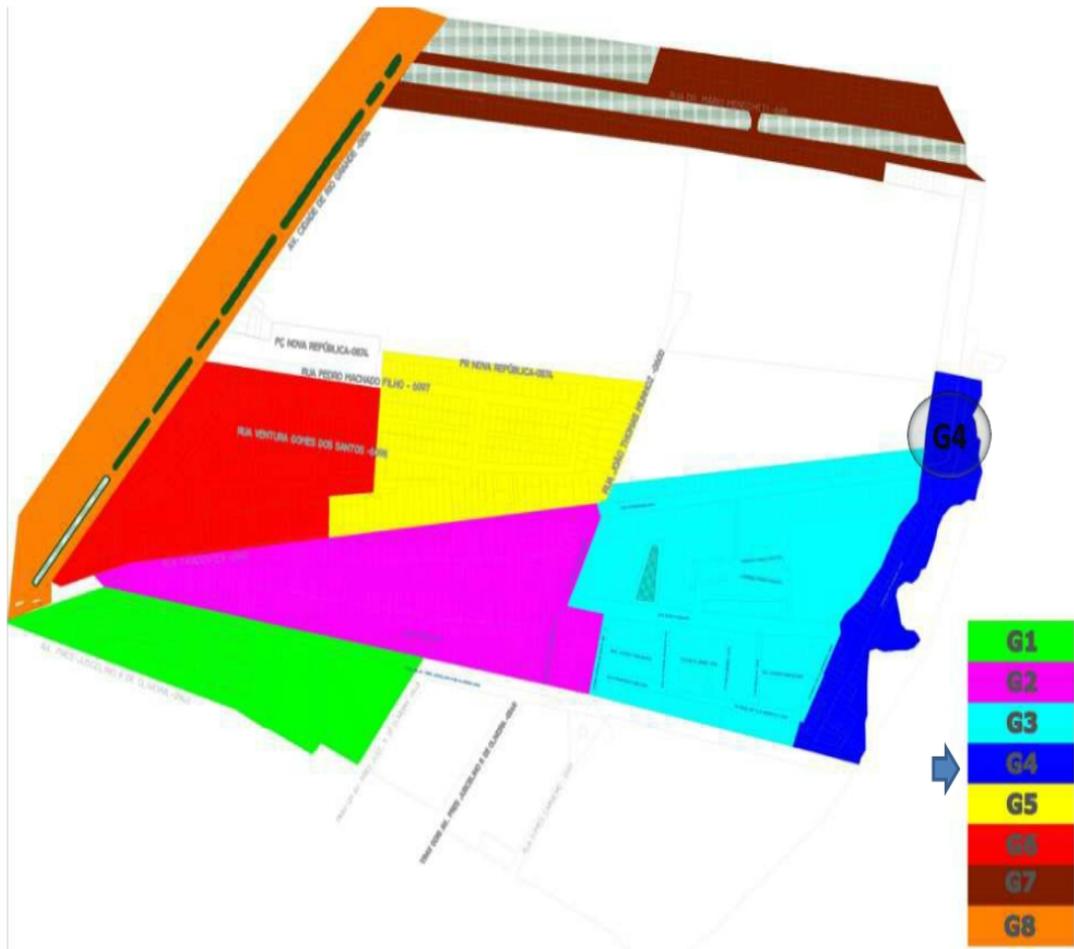


Figura 31 – Mapa da área pesquisada. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

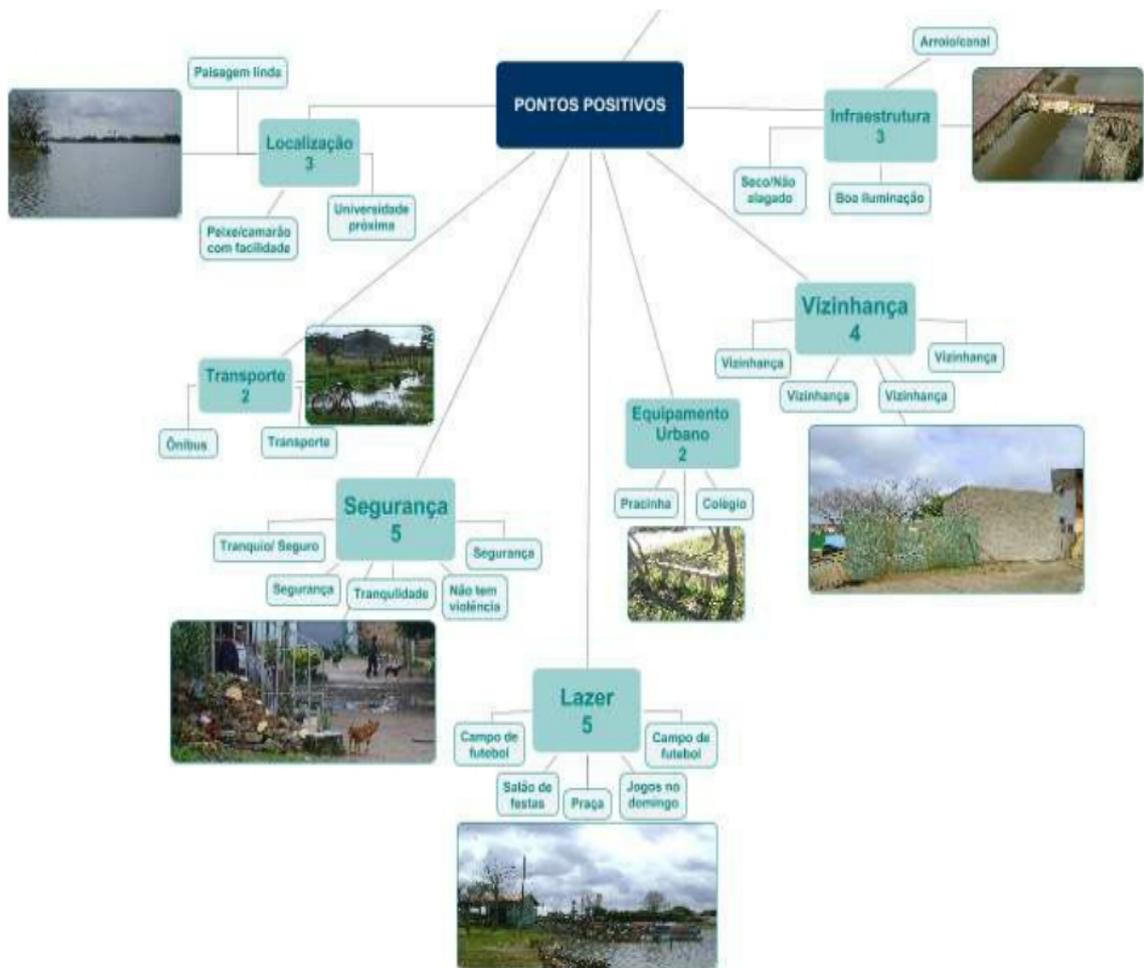


Figura 32 – Aspectos Positivos da área G4. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.



Figura 33 – Aspectos Negativos da área G4. Fonte: www.gaup.com.br, acessado em Fevereiro de 2012.

As imagens são uma linguagem, por isso permitem a leitura e a interpretação das representações que ali estão. Diante disso, percebo que os problemas narrados pelos moradores estão representados nas imagens acima. Que os conflitos socioambientais estão evidentes, principalmente os que dizem respeito à urbanidade e melhor qualidade de vida.

Assim como os moradores, também espero que essa ferramenta auxilie na elaboração de projetos estratégicos para cada área da cidade e, mais especificamente, no Bairro da Balsa. Que esta cartografia social (Acselrad, 2008) ajude no processo de revitalização da zona portuária, principalmente nas proximidades do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas e, particularmente, no Bairro da Balsa.

Problemas narrados pelos moradores durante a pesquisa etnográfica, também apareceram nos dados coletados durante a aplicação do mapa participativo. Na sistematização dos dados analisados pelo PLHIS a

problemática da pavimentação apresentou-se como emergência primeira, seguido pela questão do lixo e do esgoto.

A pavimentação como principal problemática justifica-se na fala dos moradores quando estes colocam a poeira como fator prejudicial à saúde, uma vez que possuem parentes com problemas respiratórios graves, além do barro em dias de chuva. Além disso, tem as poças d'água que permanecem por vários dias.

Nesse contexto, a falta de pavimentação se apresenta com um conflito socioambiental. Além dos problemas acima mencionados, existe uma dúvida sobre a pavimentação da principal via do Bairro, a Rua Paulo Guilayn, que nos registros da prefeitura consta como calçada e, conseqüentemente, toda vez que os moradores solicitam a pavimentação junto à Prefeitura, a Secretaria de Obras justifica que esta já está pavimentada, dificultando a criação de um novo projeto requerendo a pavimentação da mesma.

É possível perceber a existência de programas que ajudam a detectar problemas sociais, socioambientais, territoriais, econômicos, políticos e outros, visando uma melhor qualidade de vida para as sociedades. No auxílio desses programas, vêm as técnicas georeferenciadas e técnicas de análise de dados que ajudam a sintetizar esses dados, permitindo a elaboração de projetos específicos para cada problema ou para cada lugar.

Contudo, ainda é preciso contar com a vontade política dos governos para a concretização dos projetos elaborados. Apesar desse fator, a comunidade da Balsa e eu, confiamos que possam ocorrer mudanças e melhorias no Bairro e em seu entorno.

4. Considerações Finais

Favorecida por programas de extensão da Universidade Federal de Pelotas, como o projeto Pré-Vestibular Desafio, do qual participei entre os anos de 2001 e 2002 para me preparar para o vestibular e mais tarde, ao ingressar no curso de graduação em Geografia, candidatei-me às bolsas de auxílio alimentação e transporte, que me auxiliaram durante o período de estudo. Entretanto, já percebia o caráter assistencialista desses programas que estão vinculados à Pró Reitoria de Extensão e Cultura.

Com a instalação do novo Campus da Universidade, a Pró Reitoria de Extensão e Cultura organizou o Programa Vizinhança. Este programa conta com a participação dos diversos cursos de graduação como a enfermagem, a pedagogia, a odontologia, as línguas e artes, a informática, a educação física, a arquitetura e urbanismo, entre outros. A união desses cursos procura desenvolver projetos que envolvam os moradores dos bairros e das comunidades localizadas às margens do território do novo Campus.

Os projetos levados aos moradores são de caráter assistencialista, uma vez que procuram amenizar as mazelas deixadas pelo poder público. Exemplo disso é o atendimento odontológico, realizado no ambulatório da faculdade, através de agendamentos nas escolas, mostrando a deficiência no atendimento de caráter público da saúde. Outro exemplo está nas questões de acesso à inclusão digital, que é realizada pelos alunos do curso de informática junto às escolas, ou no próprio laboratório da universidade.

O que se percebe nesse caráter assistencialista da Universidade é o envolvimento do governo municipal que vem na carona desses programas, deixando de assumir seu papel de provedor e mantenedor de políticas sociais e estruturais. No caráter assistencialista não há projetos de modificação da

estrutura urbana nem social, uma vez que esta condição não cria uma nova infraestrutura, ela ameniza por um dado tempo, mas não soluciona problemas nem conflitos socioambientais.

Esta pesquisa aponta para um contexto de expectativas dos moradores em relação às melhorias nas condições de vida socioambiental, a partir da criação do novo Campus. Entretanto, não depende somente deles, nem dos programas assistencialistas da universidade, nem dos estudos georeferenciados e da cartografia social, mas sim de ações comprometidas e de políticas públicas que realmente atendam as necessidades socioambientais dos bairros e da cidade enquanto comunidade.

Nas controvérsias existentes entre os moradores a respeito da instalação do Campus e da reestruturação daquele território, é possível perceber o caráter conflituoso e divergente, uma vez que não conseguem ter um único posicionamento a respeito desse momento. Há um conflito interno e com diferentes posicionamentos devido à complexidade do tema e principalmente, pela heterogeneidade dos moradores do Bairro. Nesse sentido, não é possível determinar como positivo ou negativo, bom ou ruim, melhor ou pior.

Determinar se a chegada da UFPel é positiva ou negativa depende da posição de cada sujeito da comunidade e de sua posição na organização social do bairro – dona de casa, comerciante, operários do comércio central, profissionais liberais (faxineira, eletricitista, pedreiro, encanador) e pescadores.

Tratando-se de processos relacionais, em que cada sujeito é atravessado por suas próprias experiências, torna-se muito difícil chegar a uma conclusão. Pessoas são atravessadas por fatos, fenômenos e ações e é a partir disso que definem suas opiniões e desejos. Como cada sujeito tem seus próprios atravessamentos, escolher e/ou determinar um único objetivo ou uma solução unânime, justifica as relações de conflitos socioambientais em um bairro, comunidade ou cidade.

No caso da Balsa, o conflito de interesse justifica-se pelos atravessamentos pessoais e ou comunitários, além daqueles de interesses público e privado. Nesse contexto, também é preciso mencionar os interesses daqueles que estão para além do Bairro, embora estes sejam parte de sua cartografia diária quando percorre suas ruas até chegar ao seu destino – a

universidade.

Apesar das controvérsias e dos conflitos socioambientais, posso dizer que os moradores do Bairro da Balsa gostam do seu lugar, pois ali estão suas marcas e memórias. Entretanto, os moradores percebem que sua condição de vida poderia ser muito melhor se houvesse interesse público em ampliar a estrutura urbana do Bairro, uma vez que não querem estar em outro lugar.

Ao analisar o entendimento que os moradores da Balsa possuem de Educação Ambiental percebi que a maioria vê a EA como um processo de recolhimento e separação de lixo ou de economizar a água e luz. A maioria dos moradores pensa que esse assunto deve ser tratado e discutido na escola. Aqui dá para fazer uma crítica sobre a forma como é usualmente feita a EA em escolas ou por equipes do governo, já que as manifestações a esse respeito ainda estão voltadas para a manutenção do sistema econômico da modernidade, visando, por exemplo, apenas o reciclar e reflorestar, para melhor aproveitamento da matéria-prima. Entretanto, deve-se propor uma EA que leve em conta a dialogicidade e a singularidade dos arranjos culturais.

Não percebe que a Educação Ambiental vai além desses processos, que ela também diz respeito às questões de saúde (mental e física), da alimentação, dos recursos naturais, da fome, da miséria, dos desmatamentos, das monoculturas, das relações de poder entre outras. A Educação Ambiental precisa ser percebida e entendida em sua amplitude, para possibilitar o equilíbrio entre as espécies e seu habitat.

Nesse sentido, vejo a necessidade de um trabalho em Educação Ambiental capaz de diluir e/ou equalizar o caráter assistencialista dos programas, visando à construção de sujeitos ambientais e de territórios socioambientais em equilíbrio. A EA, enquanto ação prática, permite um estudo e uma orientação capaz de promover atitudes que auxiliem os sujeitos na manutenção e melhora do seu modo de vida.

A Educação Ambiental deveria estar permeando o Programa Vizinhança em toda sua extensão, uma vez que a EA, segundo Guattari (1990) é o equilíbrio entre o social, o mental e o físico, o que possibilita um olhar sobre os sujeitos, o seu lugar e a qualidade de vida que está presente no habitat. Contudo, é preciso que haja desprendimento e resignificação das relações sociais, políticas, econômicas e culturais para promover uma renovação e uma

prática que possibilite uma arquitetura urbana e social voltada para melhorar a qualidade e o modo de vida dos moradores do Bairro da Balsa.

Resignificar quer dizer buscar novas maneiras de pensar e agir, coletivamente e individualmente. Significa reavaliar e modificar os valores que permeiam o modelo econômico, político e social vigente, buscando um novo paradigma social. Experenciando o fazer etnográfico e as práticas da EA, faço uma reflexão sobre minha condição de pesquisadora, interessada na vida em sociedade, principalmente em questões que tratam da condição de vida das pessoas e do seu lugar.

As reflexões acima mencionadas, fazem parte do processo etnográfico desenvolvido junto aos moradores Bairro da Balsa. De certa forma, penso que minhas angústias quanto ao futuro daquele lugar e das possibilidades de mudança sejam igualmente sentidas pelos moradores, uma vez que não existe um consenso a respeito da instalação do novo Campus da Universidade.

A Educação Ambiental como um novo paradigma social propõe uma racionalidade baseada na ética, ou seja, uma manifestação equilibrada entre seres humanos e natureza e na valoração democrática das culturas que dão sentido à existência da vida. A EA, enquanto um conjunto de práticas sociais, tem a possibilidade de transformar as relações de poder, sejam elas econômicas e/ou políticas.

Referências Bibliográficas

ACSERALD, H. (org.) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

_____. (org.) *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

ADOMILLI, G. *Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte - RS*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Somos as águas puras*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Castrogiovanni, A. C. (org.) *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre. Mediação, 2000.

CALDEIRA, T. P. R. *A política dos outros*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CARVALHO, I. C de M. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

CARVALHO I.C. De M. & STEIL C.A. *O Habitus Ecológico e a Educação da Percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental*. Revista Educação & Realidade. 34(3): 81-94, set/dez, 2009.

CATROGIOVANNI, A.C. (org.) *Ensino de geografia: práticas e textualização no cotidiano*. Porto Alegre: Medicação, 2000.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 2 – Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Vitória da comunidade: Prefeitura embarga obra na zona da Balsa*. Diário da Manhã, Pelotas, 28 de novembro de 2009.

DIÁRIO POPULAR. *Protesto contra a construção de um muro na região da Balsa*. Diário Popular, Pelotas, 28 de novembro de 2009.

DURHAM, Eunice R. (Org.). *Bronislaw Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986.

ECKERT, C. & ROCHA, A. L. C da. *“Etnografia: saberes e práticas”*. In: Célia

Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.) Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

GUERRA, A. J. T. & CUNHA, S. B. (orgs.). *Impactos Ambientais Urbanos no Brasil*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GUTIERREZ, E. J. B. *Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, Livraria Mundial, 1993.

JANKE, N. R. *Entre os valores do patrão e os da Nação, como fica o Operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)*. Cópias Santa Cruz Ltda. Pelotas, 2011.

KARPINSKI, L. F. *Aspectos Históricos Geográficos do Arroio Santa Bárbara nos últimos 228 Anos*. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, 2008.

LACOSTE, Y. *A geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988.

LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. 4 ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Discursos Sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010.

LÉVY, J. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, H. (org) *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008 (p. 153 – 167).

LITTLE, P. E. “*Ecologia Política como Etnografia: um guia teórico e metodológico*.” In: Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Isabel Cristina de Moura Carvalho. (Org.) *Horizontes Antropológicos: Antropologia e Meio Ambiente*. Porto Alegre, ano 12, n. 25 jan/jun de 2006.

MAGALHÃES, M. O. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed.UFPEL – co-edição Livraria Mundial, 1993.

_____. *Os passeios da cidade antiga: guia histórico das ruas de Pelotas*. 2ª Edição. Pelotas: Armazém Literário, 2000. 120 p.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos A. R. Moura. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REIGOTA, M. *Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSA, M. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1985.

SACHS, I. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. Prefácio: M.F. Strong; tradução Magda Lopes. São Paulo: Studio Nobel: Fundação do desenvolvimento administrativo (FUNDAP), 1993.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VIEIRA, S.G. *A Cidade Fragmentada. O Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas*. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 1997.

Sites Pesquisados:

Caminhos do Sul – <http://www.caminhosdosul.com.br/page/2/>, acessado em Dezembro de 2010.

Diário Popular – www.diariopopular.com.br de 08/05/2005 e 14/05/2005, acessado em Outubro de 2010.

Fundação Simon Bolívar

<http://www.fundacaosimonbolivar.org.br/projetos.php>, acessado em Agosto de 2010.

GAUP – Geotecnologias para Arquitetura, Urbanismo e Planejamento

www.gaup.com.br ou <http://plhispelotas.blogspot.com.br>, acessado em Dezembro de 2011 e Fevereiro de 2012.

Prefeitura Municipal de Pelotas – III Plano Diretor de Pelotas.

http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/mapas.htm

TED Event – <http://www.tedxamazonia.com.br/tedtalk/enrique-leff> - **Enrique Leff quer que nos cuidemos.** Vídeo apresentado no TEDxAmazônia em novembro de 2010. Acessado em Setembro de 2011.

Universidade Federal de Pelotas

www.ufpel.edu.br, acessado em Agosto de 2010.

Blog de Josiele P. Castro

<http://josielepcastro.blogspot.com.br/2011/11/mapa-e-fotos-na-estrada-da-antiga-balsa.html> . Acessado em Novembro de 2011.